
TCC/UNICAMP
L968s
1815 FEF/391

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

SELEÇÃO DE TALENTOS NO FUTEBOL:
Discussão sobre a formação de jovens atletas a partir dos referenciais
teóricos

GUILHERME LUIZ NETO

CAMPINAS – SÃO PAULO
NOVEMBRO – 2004

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**



***SELEÇÃO DE TALENOS NO FUTEBOL:
Discussão sobre a formação de jovens atletas a partir dos referenciais
teóricos***

**Monografia apresentada à comissão julgadora para
obtenção do diploma em Bacharel em Treinamento
em Esportes pela Universidade Estadual de
Campinas - SP.**

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Montagner

GUILHERME LUIZ NETO

**CAMPINAS – SÃO PAULO
NOVEMBRO - 2004**

GUILHERME LUIZ NETO

SELEÇÃO DE TALENTOS NO FUTEBOL:

***Discussão sobre a formação de jovens atletas a partir dos referenciais
teóricos***

**Monografia de final de curso para obtenção do
diploma em Bacharel em Treinamento em Esportes
pela Faculdade de Educação Física de Universidade
Estadual de Campinas.**

Campinas 12 de Dezembro de 2004

Comissão Julgadora

Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner

Mestrando João Guilherme Cren Chiminzazzo

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a minha mãe Maria José, ao meu pai Waldecir, minha irmã Vanessa e minha namorada Silvia, que ao longo desses anos me apoiaram e me incentivaram para que todos os meus desejos e objetivos se tornassem realidade; e até mesmo aqueles sonhos mais distantes e utópicos possam estar cada vez mais perto e que um dia floresçam e se torne algo plausível de realização.

Muito obrigado por fazerem parte da minha família e principalmente por acreditarem em mim.

Com todo carinho

Guilherme

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner, que apesar de todas suas ocupações com a Faculdade de Educação Física, abriu espaço para me orientar e creditar a mim um certo potencial.

A todos os professores da graduação, que contribuíram para minha formação profissional e, principalmente humana, abrindo horizontes e novas formas de pensamentos.

Aos funcionários, que sempre estiveram prontos a nos ajudar e que principalmente mantiveram a organização e a limpeza do instituto.

Agradeço também a todos aquele que de alguma forma me consideram um amigo.

E por último a Deus, por ser a única forma pela qual estamos presentes aqui.

Obrigado por tudo!

Guilherme

SUMÁRIO

	Pg.
Resumo	1
Zusammenfassung	2
Introdução	3
Capítulo 1: A Transição Social do Futebol: Das Elites a Popularização.	
1.1. O Surgimento do Futebol Moderno.....	8
1.2. O Futebol Moderno Chega ao Brasil.....	9
1.3. A Transição Social do Futebol.....	10
Capítulo 2: “Peneiras” de futebol: Fatores que podem interferir na seleção de jovens talentos	
2.1. Considerações Gerais.....	15
2.2. Definição de Talento.....	16
2.3. As “Peneiras”.....	19
2.4. Diferenças nas Principais Capacidades Físicas do Futebol entre Crianças e Adolescentes da Mesma Faixa Etária.....	22
2.4.1. Físicos.....	23
2.4.2. Táticos.....	29
2.4.3. Técnicos.....	32

2.4.4. Psicossociais.....	34
2.4.5. Pedagógicos.....	35

Capítulo 3: A Formação de Jovens Talentos no Futebol.

3.1. Identificando um Talento.....	38
3.2. Planejamento do Treinamento em Longo Prazo.....	44
3.2.1. Iniciação dos 6 aos 10 Anos.....	45
3.2.2. Formação Atlético – dos 11 aos 14 anos.....	47
3.2.3. Especialização – dos 15 aos 18 anos.....	48
3.2.4. Alto Desempenho – aos 19 anos ou mais.....	49
3.3. Treinamento Específico no Futebol para Crianças e Adolescentes em um Processo em Longo Prazo.....	50
3.4. Discussão Sobre a Importância dos Clubes Esportivos na Formação dos Jovens Atletas de Futebol.....	52
3.4.1. O Sistema Esportivo Brasileiro.....	53
3.4.2. O Esporte de Alto Rendimento com Perspectivas Educacionais.....	57
3.4.3. Futebol, Educação e Pedagogia.....	60
3.4.4. Futebol e Sociedade.....	66
3.4.5. A Dupla Experiência do Fracasso	70

Considerações Finais	75
-----------------------------------	-----------

Bibliografia.....	79
--------------------------	-----------

RESUMO

Como se sabe, o futebol é o esporte mais difundido e praticado no Brasil e no mundo. Paixão da grande massa brasileira, pentacampeão mundial e detentor de grande parte do tempo dedicado à mídia esportiva, é também, De acordo com Montagner e Silva (2003), um dos esportes mais empíricos na forma em que seleciona e promove jovens atletas. Devido a esta forma assistemática de seleção, o objetivo deste estudo é discutir e refletir algumas considerações teóricas em torno da seleção de talentos no futebol e a formação desses jovens atletas, através de uma revisão bibliográfica descritiva. Considerando que o tema em questão ainda é pouco explorado pela Ciência do Esporte, urge a necessidade de olhar de maneira crítica sobre o atual método de seleção de jovens atletas no futebol, através das “peneiras”. Entendendo este processo como empírico e assistemático, e que a Ciência do Esporte pouco contribui neste aspecto, irá se discutir alguns conceitos relevantes na seleção de jovens talentos que não são abordados nas categorias de base dos clubes de futebol. Outra consideração importante deste estudo é discutir a formação psicossocial e educacional desses jovens atletas selecionados, visto que, a grande parte dessas crianças e adolescentes vem das camadas mais baixas da sociedade. Nota-se não existir uma metodologia científica aplicada nas “peneiras” de futebol, ainda que, alguns cientistas do esporte tenham construído formas sistemáticas de seleção de talentos que deveriam ser realizadas em longo prazo; e que estes mesmos autores, na sua grande maioria, baseiam-se apenas em fatores físicos e técnicos, e pouco abordam a formação educativa desses jovens atletas, considerando que nem todos alcançam os certames profissionais, sendo estes que fracassaram em seu sonho ficarão inertes as sociedades por não terem uma formação educativa adequada nas categorias de base dos clubes de futebol.

Palavras Chaves: “Peneira”, Futebol, Clubes de Base, Formação de Jovens Atletas.

ZUSAMMENFASSUNG

Es ist allgemein bekannt, daß der Fußball den verbreitetsten und am meisten praktizierten Sports Brasiliens ist. Begeisterung der brasilianischen Bevölkerung, fünf mal Weltmeister, bekommt er den größten zeitlichen Anteil der sportlichen Media. Aber, hinsichtlich der Auswählung und der Förderung der jungen Athleten, ist er auch eines der „Amateursten“ Sports. Infolge dieser unsystematischen Auswählung ist das Ziel dieser Untersuchung durch eine ausführliche bibliografische Überarbeitung einiger theoretischen Ansichten über die Auswählung und die Bildung dieser jungen Athleten durchzusprechen und nachzudenken. Da das Thema noch sehr wenig vom Sportwesen erforscht wird, ist es erforderlich eine kritische Betrachtung über die zur Zeit verwendete Auswahlmethode von jungen Fußballspielern – die sogenannten „Siebe“ - zu machen. Ausgehend davon, dass dieser Vorgang empirisch und unsystematisch ist, und sehr wenig für das Sportwesen beizutragen hat, wird diese Untersuchung einige relevante Konzepte für die Auswahl von jungen Talenten, die in der Grundkategorie der Fußballvereine nicht behandelt werden, durchsprechen. Eine andere wichtige Betrachtung dieser Untersuchung ist das psychosozialologische- und Erziehungskonzept für die Entwicklung dieser ausgewählten jungen Athleten, denn der größte Anteil dieser Kinder und Jünglinge stammen aus der untersten Ebene der Gemeinschaft. Es ist sichtbar, daß bei der „Siebe“ kein wissenschaftliches Vorgehen angewandt wird. Einige Sportwissenschaftlern haben zwar systematische Methoden für die Talentenauswahl entwickelt, die langfristig durchgeführt werden sollen; diese Arbeiten sind aber meistens auf technischen- und physiologischen Faktoren begründet und die Erziehung der jungen Athleten sehr wenig berücksichtigt. Da nicht alle tatsächlich Berufsspieler werden, der seine Träume nicht verwirklicht, bleibt angesichts der Gemeinschaft untätig, weil er keine angemessene Bildung in der Grundkategorie der Fußballvereine erhalten hat.

INTRODUÇÃO

Segundo Witter (1990), o futebol chega ao Brasil no ano de 1894, por intermédio de Charles Miller, que trouxera de Londres as primeiras bolas, chuteiras e uniformes.

De acordo com Scaglia (1999), o futebol é introduzido no país com objetivo de atender os interesses da elite dominante da época (imigrantes oriundos da Europa) e ninguém imaginaria que o futebol atingiria a popularidade que detém hoje. Essa massificação acontece de forma eminente após a Primeira Guerra Mundial, com o desenvolvimento de nosso parque industrial. Devido este fato, a elite praticante aos poucos vai sendo substituída por negros, pobres e operários, que viam no esporte uma forma de ascensão social.

Hoje o futebol é o esporte mais popular no Brasil. Freire (1998) cita que basta darmos uma volta por aí, pelas areias das praias, pelas quadras de futebol de salão, por ruas de terras ou de asfalto, um terreno abandonado ou por cada pedacinho de chão que uma bola possa rolar, que encontraremos a cada dia milhares de crianças jogando futebol. E todas essas crianças almejam um mesmo sonho em comum: tornar-se um atleta profissional.

Entretanto, para aspirar uma chance de profissionalizarem-se, essas crianças e adolescentes precisam passar pelas “famosas peneiras”, na qual Montagner e Silva (2003) definem como:

“... processo de seleção empírico, no qual um grande número de crianças e adolescentes são avaliados por clubes, sendo a forma mais tradicional de captação de atletas para o futebol brasileiro. Basicamente consiste na divisão dos garotos que procuram os processos de seleção em times, e, sob a supervisão de um 'olheiro', 'boleiro' ou ex-jogador, os garotos jogam por um tempo determinado nas posições táticas e são

analisados pelos observadores em suas qualidades técnicas e físicas para compor as equipes de base dos clubes.”(p.187)

E são essas “famosas peneiras” que a cada ano constroem o sonho de uma minoria dentre milhares de crianças e adolescentes que vêem no futebol uma maneira de ascensão social, e, de acordo com Freire (1998) faz parte principalmente da infância mais pobre e masculina das periferias. E devido a essa forma de seleção empírica e assistemática, pode-se estar acabando com o sonho de várias crianças e adolescentes com potencial, já que selecionamos apenas, os melhores momentaneamente. .

De acordo com os fatos citados, acima este estudo tem como objetivo discutir e refletir algumas considerações teóricas em torno da seleção de talentos no futebol, analisando-se questões de ordem física, tática, técnica, psicossociais e pedagógicas, conjugando-as com a formação dessas crianças e adolescentes que idealizam um sonho: tornar-se um atleta profissional.

A respeito de ordem física Weineck (2004), comprovam existir diferenças físicas de força, velocidade, mobilidade e de resistência aeróbia e anaeróbia em crianças e adolescentes com a mesma idade cronológica.

Weineck (2003), Gomes (2002), Bompa (1983), apuram ainda, que fatores psicossociais e pedagógicos são fundamentais na seleção de talento, itens estes, que não são avaliados nas “peneiras” e que podem atrapalhar a performance de uma determinada criança em potencial.

Todos estes fatores (físicos, táticos, técnicos, psicossociais e pedagógicos) serão confrontados em nosso estudo com a forma atual de seleção de talentos realizadas nos grandes clubes de futebol, que de maneira assistemática ainda predomina nos pequenos e grandes clubes do Brasil.

Sobre a formação desses jovens atletas, Pimentel (1997), descreve em sua pesquisa que nem todas essas crianças e adolescentes concretizam seu sonho de profissionalizar-se e, após passarem anos nas categorias de base dos clubes de futebol são dispensadas e, ao serem novamente “inseridas” na sociedade ficam amorfas a esta, visto que, não tiveram nenhuma formação durante todos os anos que passaram nas categorias de base.

Ligando-se aos fatos acima e ao utilizar como metodologia a revisão bibliográfica descritiva, este estudo justifica-se ao momento que o tema em questão ainda é pouco explorado na área acadêmica, ascendendo uma maior importância sobre os métodos de seleção de talentos e a formação desses jovens atletas.

O Capítulo 1 trata da transição social do futebol. Num primeiro momento relata-se um breve histórico do esporte, dos primeiros indícios à sua oficialização na Inglaterra no dia 23 de outubro de 1863.

No segundo momento, estuda-se a massificação do esporte pelo Brasil, passando do amadorismo ao profissionalismo, quando este se torna um esporte de referência social e econômica, levando milhares de crianças e adolescentes das camadas sociais mais baixas à sua prática com objetivo de ascensão social.

O Capítulo 2 tem como alvo principal de estudo fazer algumas considerações a respeito do atual método de seleção ainda vigente no futebol: as “peneiras”. Inicialmente estudaremos as definições de talento e “peneira”, esta última como é realizada.

Num segundo instante, será avaliado alguns conceitos não presentes neste modo de seleção. Dentre os tópicos discutidos estão os fatores físicos (força, velocidade, mobilidade,

resistência aeróbia e anaeróbia), técnicos, táticos, psicossociais e pedagógicos, que não são observados sistematicamente nas “peneiras” de futebol.

Questiona-se neste Capítulo a não existência de uma metodologia que realmente potencialize o talento esportivo, fruto de uma forma assistemática de seleção, as chamadas “peneiras”.

Esta forma assistemática segundo Matsudo (1999) é uma busca ao talento realizada de maneira irregular, em que o clube oferece requisitos para sua realização. Nesse sistema o talento é uma obra do acaso e fortuita combinação genética.

O Capítulo 3 vai refletir em cima da formação dos jovens talentos. Acredita-se que a seleção de talentos deve ser concretizada ao longo de vários anos, e que essa formação não se deva dar apenas no plano físico, técnico e tático, mas também deve ser transmitida a esses jovens atletas uma formação global afim que estes possam exercer por completo sua cidadania . Enquanto estes sonham com o mundo profissional, ascensão social, dinheiro, fama entre outras coisas.

Tópicos relevantes deste capítulo refletem nas estruturas planejadas pelos Cientistas do Esporte na seleção e estruturação de um planejamento em longo prazo. Em contrapartida irá se confrontar essas idéias puramente tecnicistas, sob o olhar da Pedagogia do Esporte, em torno da formação educacional e social que os clubes podem dar a essas crianças e adolescentes devido ao fato que nem todos esses jovens atletas chegarão ao profissionalismo, sendo estes, segundo Pimentel(1997), reintegrados a sociedade e assim já terem vivenciado a dupla experiência do fracasso. Dentro desta perspectivas irá se debater temas como o Sistema Esportivo Brasileiro; Esporte com Perspectivas Educacionais; Futebol, Educação e Pedagogia; Futebol e Sociedade e a Dupla Experiência do Fracasso.

Para tanto é necessário que os estudos acadêmicos nessa área sejam ampliados, e que surja dentro desses conceitos um ponto de equilíbrio entre a Ciência do Esporte e a Pedagogia do Esporte, para que ambos passem a desfrutar de um mesmo esporte e que dentro dessas similaridades o alto rendimento deixe de ser antagônico do esporte de pretensões educacionais. Para que exista a necessidade de um só esporte, utilizado como fonte educacional e formativa sem desqualificar a condição própria de resultados.

CAPÍTULO 1

A Transição Social do Futebol: Das Elites a Popularização

1.1. Surgimento do Futebol Moderno

Os primeiros indícios do futebol, segundo Scaglia (1999), surgiu na China há 5000 (a. C) anos, jogos como *Kemari* e *Ts'u chu* foram tradicionais nesta época e, tinham como objetivos o treinamento militar. O próximo avanço se faz na Grécia Antiga por volta de 800 (a.C) anos, onde surgiu jogos como *Epyskirus* e o *Haspartum*, também como objetivos militares.

O próximo passo para o surgimento do futebol, segundo o autor, dá-se na Itália, mais precisamente na cidade de Florença, ano de 1529 como o surgimento de um jogo com objetivo de medir forças políticas, o *Calcio*.

A transição do futebol ao longo dos tempos, chega finalmente à Inglaterra, onde surge o futebol moderno. A princípio o futebol tinha como objetivo melhorar a disciplina dos universitários rebeldes da elite inglesa da época.

Capinussú (1997), descreve essa importância:

“... realmente coube a Inglaterra dar o impulso verdadeiro à moderna prática esportiva a partir de 1830, com a implantação do colégio de rúgbi por Thomas Arnold, que preconizava sobre tudo o aprimoramento moral através do esporte.” (p.28)

Percebe-se neste momento, uma utilização do esporte mesmo que de maneira violenta e viril, para formação educativa desses jovens estudantes ingleses, que na época necessitavam de uma melhor disciplina e formação do caráter.

Chegando finalmente na nossa linha cronológica, sobre a origem do futebol, no ano de 1863, no dia 23 de outubro, na Freemason Tavern, na cidade de Londres, na Inglaterra, onde nasce o futebol definitivamente.

1.2. O Futebol Moderno Chega ao Brasil

De acordo com Scaglia (1999) o futebol chega nas Américas no século XIX, com o advento da expansão do mercado gerado pela revolução industrial, ocorrida na Inglaterra, por meio de marinheiros, estivadores, viajantes e trabalhadores ingleses. Segundo o autor:

“Os estudantes foram importantes agentes disseminadores do futebol pelo mundo, pois, regressando da Inglaterra carregavam em suas bagagens além de muito conhecimento, uma paixão incontida por este esporte bretão.” (p.13)

Castro (apud. Scaglia, 1999, p.13) completa: *“Os estivadores locais faziam a descarga das mercadorias; os marinheiros britânicos jogavam futebol.”*

Já na América do Sul, o futebol chega por volta da segunda metade do século XIX, onde já no início do século XX o futebol já havia contaminado o Brasil, Uruguai e a Argentina.

Witter (1990), descreve que o futebol chega oficialmente ao Brasil introduzido por Charles Miller no ano de 1894, que de Londres trouxera as primeiras bolas, chuteiras e uniformes. Nosso futebol começa a ser jogado em terras paulistas, pela elite formada na virada do século. Descreve o autor:

“Assim foi o início quando ‘jogavam bola’ os filhos das elites, que podiam, além de estudar no exterior, importar os elementos essenciais ao jogo, e as equipes eram formadas por membros das famílias abastadas ou ilustres e de alguns de seus amigos.”(p.50)

Rapidamente o esporte se dissemina pelo país. De acordo com Scaglia (1999), vários clubes são fundados, entre os exemplos estão a Ponte Preta de Campinas e o Rio Grande F.C. do Rio Grande do Sul, que disputam o título de clube mais antigo do Brasil.

1.3 A Transição Social do Futebol

A popularização do futebol acontece de forma eminente após a primeira guerra mundial, com o desenvolvimento do nosso parque industrial. Com isso a elite da época passa à prática futebolística juntamente com as classes inferiores da sociedade, e aos poucos estes vão sendo substituídos pelos negros, pobres e operários que viam no futebol uma forma de ascensão social.

Witter (1990) completa o parágrafo acima:

“Dos primeiros portugueses aos ‘exóticos’ japoneses eles chegaram para desorganizar a estrutura vigente e alterar substancialmente o status quo. E foi no bojo dessas mudanças sociais e econômicas que ‘o esporte das multidões’ deixou de pertencer à elite e aos brancos para ser uma via de ascensão social de negros e menos favorecidos.” (p. 52)

Passado o amadorismo inicial, na qual o futebol veio a se massificar, a primeira grande competição veio com o campeonato mundial de 1930 no Uruguai, no qual o mesmo foi o vencedor. Nesse mesmo período o jogador de futebol começa a ser profissionalizado.

Segundo Brunoro (2000), o primeiro clube a adotar o profissionalismo foi o Fluminense do Rio de Janeiro. O fato, segundo o autor decorre porque o jogador de futebol começa a perceber que dá para viver do futebol, principalmente na Europa (Espanha e Itália), onde o mercado de contratações estava em expansão e o regime esportivo já era profissional. Com isso a maioria dos craques brasileiros transfere-se para o mercado europeu, e com medo da debanda dos jogadores brasileiros os clubes começam a se profissionalizar. Neste momento o jogador de futebol passa a receber salário, possuir direitos e deveres e torna-se um funcionário do clube. Inicia-se assim a valorização do atleta de futebol.

Valor esse que passa a ser imensurado com a entrada da mídia e a transformação desse esporte em espetáculo, e segundo Witter (1990): *“um meio de comunicação de massa tão poderoso, só poderia atingir um público de massa de tal magnitude, que se torna cada vez maior.”*

E é devido a todos estes valores que o futebol se tornou o esporte mais difundido e praticado no Brasil. Hoje produzimos inúmeros craques e ídolos deste esporte.

Difusão esta, de acordo com Witter (1990), entre este público de massa e a participação da mídia, que faz do futebol o esporte com maior número de adeptos em nosso país, e também com o maior número de praticantes. Conseqüentemente crê-se que seja o esporte mais praticado entre crianças e adolescentes.

Jovens estes, humildes em sua maioria, que se encantam com as relações comerciais e mercadológicas criadas pelo esporte, fazem com que os atletas de futebol se destaquem, ganhem notoriedade, respeito e importância junto à sociedade.

Com isso, aqueles que se destacam, acabam por receber altos salários, tornando-se pessoas com grande poder aquisitivo, fama e conseqüentemente os transformamos em ídolos nacionais.

De acordo com Witter (1990): *“a valorização do profissional de futebol e os altos salários pagos a craques de nível internacional, o jogador voltou a ter status; um status conseguido, contudo, por poucos privilegiados.”*(p.58)

Atualmente, Silva (1999), diz que o Brasil é um dos maiores exportadores de jogadores ao milionário futebol estrangeiro, principalmente ao mercado europeu.

Vamos tomar como exemplo, esses jogadores que foram negociados por quantias milionárias nesses últimos anos, como é o caso de Diego (Santos), Luis Fabiano e Kaká (São Paulo), que hoje atuam no futebol europeu.

Segundo Pimentel (1997), vemos inúmeros bons jogadores sendo transferidos por quantias milionárias, e suas imagens alimentando sonhos, criando hábitos e costumes junto à sociedade, que é impossível não pensar esta sociedade como uma amostra que o futebol é no Brasil, um meio propício e rápido de se atingir a tão difícil, ou inatingível na maioria das vezes, ascensão social.

Afinal, para cada jogador que atinge o sucesso, quantos atletas jamais sairá do anonimato? E quantos desses atletas anônimos não servirão de degraus para ascensão desses outros jogadores que alcançam o estrelato?

Mais como julgar estes aspectos diante de uma sociedade que sofre da má distribuição de renda, desigualdades sociais, desemprego, entre outros fatores; cria expectativa advinda dos grandes vencedores do futebol, ou seja, dos craques, ídolos e fazem essas crianças e adolescentes irem em busca aos inúmeros clubes de futebol, na esperança de realizarem um sonho: ser um jogador de futebol e adquirir uma vida melhor.

Vida esta de difícil concretização, se tomarmos como base os vencimentos dos jogadores de futebol. Pimentel(1997), cita em seu trabalho que menos de 5% dos atletas ganham mais que vinte salários mínimos. Pior ainda se considerarmos os dados de Brunoro (2000), que diz que

metade dos atletas profissionais ganha em média um salário mínimo (atualmente o salário mínimo é R\$ 260,00).

Há ainda, alguns fanáticos torcedores, que dependem exclusivamente do rendimento do seu “clube de coração”, que semanalmente disputam suas partidas pelos diversos campeonatos existentes.

Em relação a estes torcedores, Pimentel (1997) relata que, quando a vitória acontece, todos são elevados a um estado ascendente, e assim esquecemos todas as dificuldades cercadas do dia a dia. Neste momento nos tornamos superior, altivos, capazes e realizados. O inverso também ocorre. Quando perdemos voltamos à realidade sombria e a decepção de uma expectativa frustrada.

Sobre este mesmo parágrafo Byington (1982, apud. Daolio, 2003) diz: *“um fenômeno só faz vibrar a lama nacional individual e cultural de um povo, na medida em que contém os símbolos que expressam e nutrem a vida psíquica desse povo.”* (pg.21)

Daí notamos a importância para a maioria da nação de um título de copa do mundo. Afinal, quem não se lembra ou comenta até hoje da fatídica derrota na copa de 1950 no Maracanã com mais de 200 mil patriotas.

E hoje somos Pentacampeões mundiais nas copas de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002 e temos o futebol o esporte mais difundido no Brasil.

Gostaria de terminar o capítulo com uma passagem de Witter (1990) expressando a magnitude do futebol e ilustrando claramente os sonhos de todas essas crianças e adolescentes que são alvo deste estudo e procura no futebol um meio de vida.

“Dentro dessa trajetória, o futebol continuou, apesar das mudanças externas, a produzir ídolos, criar mitos, e fazer heróis. Também destruiu sonhos, frustrou muitos e liquidou craques. Mas o ‘jogador de bola’, de todos os quadrantes do mundo – porque o futebol é uma paixão planetária – tem sempre em mente o desejo de ser estrela e possuir o status de craque. É algo que magnetiza o menino, o adolescente, o júnior, o ‘aspirante’. Afinal quem não quer ser rei?” (pg. 57)

CAPÍTULO 2

“Peneiras” de Futebol: Fatores que Podem Interferir na Seleção de Jovens Talentos

2.1 Considerações Gerais

Brasileiros e futebol formam um casamento perfeito, daqueles que parece que um nasceu para o outro, embora a razão para tal sucesso ainda seja tão desconhecida.

Pentacampeões mundiais e inúmeros outros títulos e vitórias que nos colocaram no topo do mundo nessa arte de jogar com os pés.

No Brasil têm-se os melhores e mais habilidosos jogadores de futebol do mundo, que aonde quer que nossa seleção passe e jogue, será referência futebolística.

Contudo, de onde surgem tantas crianças e adolescentes querendo ser jogadores de futebol?

Segundo Witter (1990) o futebol é uma “coisa do povo”. Fenômeno de massa indiscutível, atração inquestionável entre as pessoas das mais diversas camadas sociais. Este permite a “mistura” de classes sociais, e sua linguagem pode ser entendida por um nobre ou plebeu.

Dentro desta dimensão social, basta dar uma volta pelo país, seja nas areias das praias, pelas quadras de futebol de salão, por ruas de terra ou asfalto que observa-se crianças e adolescentes “batendo uma bolinha”.

São essas crianças e adolescentes de condições humildes e precárias, na sua grande maioria, porém grandiosas em seus sonhos, que a cada ano, irão passar pelas peneiras de futebol com a intenção de conseguir um lugar nas categorias de base de um clube de futebol.

De acordo com Pimentel (1997), jovens estes que vêem no futebol uma das poucas maneiras de alcançarem uma vida melhor, mais justa, ou seja, uma ascensão social. Um modo de

adquirir fama, carros luxuosos, celular e até mesmo atrair mulheres, objetivos estes que de outras maneiras, senão através do futebol, seria praticamente intangível.

Sonhos estes que na imensa maioria das vezes acabam absorvidos pelas famosas “peneiras”.

É nesse contexto, e preocupado com estes jovens, que o Capítulo a seguir retratará como funciona esse processo de seleção empírico e assistemático, e suas dimensões físicas, técnicas, táticas, psicossociais e pedagógicas que esta forma de seleção não abrange, entendendo que a seleção de talentos é algo a ser sucedido em um processo de escolha que engloba diversas etapas a serem realizadas ao longo de vários anos.

2.2 Definição de Talento

Para Marques (2002) talento pode ser definido como: *“... um indivíduo que apresenta fatores endógenos especiais, os quais sob a influência de condições exógenas opumas, deixa prever a possibilidade de obtenção de prestações desportivas elevadas.”*

Weineck (2003), define talento esportivo como: *“... conjunto de condições básicas da criança ou jovem para o desenvolvimento esportivo. Nesse contexto, o nível de desempenho e suas possibilidades de desenvolvimento são determinadas pela situação e pelo processo de treinamento.” (p.115)*

De acordo com a definição acima, para Weineck (2003), a terminologia talento é muito mais abrangente, e pode ser tanto dinâmico quanto estático.

Joch (1992 apud. Weineck 2003) define talento como:

“Talento é aquele que, com disposição, prontidão para o desempenho e possibilidades, apresenta um desempenho acima da média comprovada para aquela faixa etária

(desempenho este comprovado por competições). Este resultado é obtido graças ao acompanhamento de um treinamento – orientações intencionais, ativas e pedagógicas – que visa o desenvolvimento do desempenho.”(p.115)

Joch (1992, apud. Weineck, 2003, p.115) define talento estático pelas seguintes características:

- *Disposição, que mobiliza o potencial;*
- *Prontidão, que mobiliza a vontade;*
- *Ambiente social, que determina as possibilidades, e;*
- *Resultados, que documentam o desempenho obtido.*

Joch (1992, apud. Weineck, 2003, p.115) e Mühle (1971, apud. Weineck 2003, p.115) caracterizam talento dinâmico como: “... *estrutura-se no decorrer de um processo ativo de treinamento cujos objetivos estão definidos (especialização) e este processo relaciona-se com a personalidade e as alterações da mesma*”.

E o talento dinâmico compreende ainda três características centrais:

- *O processo ativo de mudanças;*
- *A orientação através do treinamento e de competições, e;*
- *O acompanhamento pedagógico.*

Em cima dessas definições, para Freire (2004), existem alguns cientistas que acredita que o talento é proveniente de fatores genéticos, os inatistas; outros acreditam que o talento é fruto de experiências vivenciadas pelo sujeito, os empiristas.

Para Freire (2004), as triagens de seleção feitas no futebol hoje, são puramente inatistas, em que só se encontram bons jogadores produzidos geneticamente, e não através da

aprendizagem. E que segundo o autor, o objetivo não é ensinar, mais sim, produzir condições para os naturalmente mais habilidosos se aperfeiçoarem.

Por outro lado o autor afirma que, alguns cientistas acreditam que o talento é desenvolvido ao longo de vários anos de treinamento, aprendizagem e aperfeiçoamento, são os empiristas, aqueles que acreditam que nascemos sem qualquer conhecimento e este se forma a partir das experiências externas.

Para o autor citado acima, temos praticado no futebol uma mescla enlouquecedora de inatismo e empirismo, de modo que à primeira vista selecionam-se os mais habilidosos naturalmente de forma inatista (os “melhores” geneticamente); e depois se uni todos os selecionados e pratica-se o mais “torturante” dos empirismos (repetições exaustivas de gestos técnicos biomecanicamente corretos).

Nesse aspecto, Freire (2004), condena essa prática inatista (puramente genética) e também a empirista (puramente tecnicista). O autor acredita que o conhecimento vai sendo construído nas relações que o sujeito estabelece com o meio ambiente, de maneira que ambos trocam ações formando o conhecimento tanto do sujeito em relação a ele mesmo, como do meio ambiente.

Com isso acredita-se numa nova possibilidade de definição de talento, baseado nas definições do autor acima citado, um talento adquirido, assim o sujeito talentoso é construído a partir do aprendizado dos gestos esportivos, que segundo o autor é: “... *um universo de combinações que se constitui*”. Assim ao concordar com Freire (1998), quando ele diz que a melhor maneira de se aprender a jogar futebol é na rua, julgo acreditar que esse possa ser um fator diferencial entre alguns jovens atletas em relação aos outros.

Pode-se concluir dizendo que as “peneiras” de futebol é uma forma inatista de seleção; que os cientistas do esporte acreditam na forma empirista de seleção, que se formata ao longo de vários anos de treinamento; e que ainda poderia existir uma terceira forma de seleção: a

construtivista, que seria realizada através do conhecimento, tese esta defendida por alguns pedagogos do esporte.

O quadro a seguir representa as características de cada uma destas formas de aprendizado do conhecimento:

Quadro I – Caracterização das Formas de Aprendizado

Inatistas	Empiristas	Construtivistas
Tudo depende de programações genéticas	Nascemos sem qualquer conhecimento	Combinação entre a genética e o conhecimento (mistura entre inatismo e empirismo)
Conhecimento decorre de programação genética	Aprendizado por transmissão	Aprendizado dado pela relação sujeito detentor do conhecimento com o meio ambiente
Conhecimento procede de dentro para fora. Objetivo é criar condições para que os naturalmente mais habilidosos se desenvolvam,	Conhecimento surge através da troca de experiências com o mundo exterior	Tudo esta em constante transformação, no sentido de construção do conhecimento
Meio utilizado através da exaustão de repetições de gestos técnicos	Intermináveis repetições de gestos imparciais do esporte	Superação de desafios, para aprimoração das habilidades
Esquema geral do inatismo: S → O, onde (S= sujeito e O= objeto) o conhecimento sai do sujeito para o meio ambiente	Esquema geral do inatismo: S ← O, onde conhecimento se transmite de fora para dentro, e S é sujeito passivo na relação	Esquema geral do construtivismo: C S ← → O, onde S e O se interagem, ou seja sujeito e ambiente trocam ações formando C (C= conhecimento)

Quadro elaborado de acordo com as características apresentadas por Freire(2004), no texto *Princípios Básicos do Ato de Aprender e Ensinar*

Não se cabe julgar qual a melhor forma de seleção, apenas acreditar que uma junção de fatores inatos, empíricos e construtivos possam ser as melhores formas de selecionar jovens mais aptos e completos para a prática desportiva.

2.3 As “Peneiras”

Primeiramente torna-se necessário fazer uma definição do conceito de seleção de talentos, para que se possa entender o quão empírica e assistemática é a forma atual de detecção de jovens talentos no futebol.

Segundo Makarenko (2004), seleção de talentos é:

“A seleção não é algo momentâneo, mas sim um processo relativamente longo, que compreende uma análise unilateral de diversas particularidades psicológicas e morfofuncionais dos jovens atletas, além da avaliação de diferentes aspectos do seu desenvolvimento físico e de sua preparação desportiva. Esse processo divide-se em várias etapas, cujo limite convencional é a formação do grupo com o nível mais elevado de preparação.”(p.28)

Para Bempa (2002) existem dois métodos básicos de seleção: o natural e o científico. No método natural o atleta é resultado da influência local (tradição da escola, desejos dos pais, auxílio dos colegas). A evolução do desempenho dos atletas depende, entre outros fatores da participação ou não no esporte em que é talentoso. Isso pode ocorrer freqüentemente, portanto, a evolução do desempenho de uma criança ou adolescente evolui lentamente, muitas vezes em virtude da escolha incorreta do desporto a ser praticada. No científico é o técnico que escolhe os jovens com alguma habilidade natural para algum desporto, no qual é possível detectar tais qualidades através dos cientistas do esporte.

Agora compare o conceito de seleção de talentos de acordo com a ciência do esporte, com a definição elaborada por Montagner e Silva (2003) em relação ao atual método de detecção de talentos no futebol, as “peneiras”:

“... expressão popular, significa um processo de seleção empírico, no qual um grande número de crianças e adolescentes são avaliadas por clubes, sendo a forma mais tradicional de captação de atletas para o futebol brasileiro. Basicamente, consiste na divisão dos garotos que procuram os processos de seleção em 'times', e, sob a supervisão de um 'olheiro', 'boleiro', ou ex-jogador, os garotos jogam por um tempo determinado nas posições táticas e são analisados pelos observadores em suas qualidades técnicas e físicas para compor as equipes de base dos clubes.”(p.187)

Após essa definição detalhada, realizada pelos autores acima citados, fica fácil explicar e entender como são realizados os processos atuais para a seleção de talentos no futebol.

Em sua grande maioria, os clubes de futebol realizam os processos de seleção duas vezes ao ano, geralmente uma vez em cada semestre.

Na maioria das vezes, os processos de seleção começam com um período de cadastramento, no começo do ano, que em grande parte dos clubes vai de janeiro a março. Passado o período de cadastramento, são agendadas as “peneiras” ao longo dos semestres. Chegando o dia de cada criança ou adolescente, elas comparecem ao local pré-determinado pelo clube. Lá eles são divididos por categorias que vão desde o dente-de-leite até juvenil ou juniores.

Divididos por categorias cronológicas, as crianças e adolescentes são separadas em dois times, de acordo com a posição tática descrita pela mesma no período de cadastramento. Após a divisão dos times é realizado um coletivo com duração média de quarenta minutos.

Nesse período, a comissão técnica (técnicos das categorias de base, “olheiros” e preparador físico) analisa o posicionamento tático, a condição física e os fundamentos básicos do futebol. Aos pré-aprovados é agendado um novo processo de seleção; e aos que são finalmente aprovados, irão ser integrados a equipe de base da categoria correspondente.

De acordo com os dados publicados no site www.gazetaesportiva.net de 2004, de cada mil crianças e adolescentes “testados”, de dois a cinco serão aprovados.

Assim, ao se olhar como são realizadas as “peneiras” podemos denominá-la como uma forma assistmática de seleção, e que segundo Matsudo (1999), os programas de detecção de talentos são assim classificados:

1. *Sistema estatal*: programa subsidiado pelo Estado ou Poder Público, o qual submete a população a testes e medidas monitorando casos excepcionais. Países do antigo bloco socialista, dos quais Cuba ainda atua são exemplos deste programa
2. *Sistemático não estatal*: seguindo as mesmas condições mencionadas acima, mas com a ressalva de que são oferecidos pelo sistema universitário ou de empresas. EUA e Japão são exemplos deste programa.
3. *Assistemático*: busca ao talento feito de maneira irregular, em que família, clube, empresa ou Estado procura oferecer as condições requisitadas. Segundo o autor, nesse sistema o talento é obra de mero acaso e fortuita combinação genética.

Analisando os conceitos de seleção de talentos e agregando seus valores a descrição das “peneiras”, nota-se o quão ela é empírica e assistemática, privilegiando aqueles que são melhores no momento, não respeitando as diferenças físicas existentes entre um e outro avaliado, no qual por este processo pode-se estar desperdiçando talentos brilhantes, e frustrando o sonho de crianças com enorme potencial.

É por isso que acredita-se que a realização das “peneiras” como meio de detecção de talentos deva ser reestruturada dentro do futebol, e que se estruture uma seleção em longo prazo e com critérios minuciosos de avaliação (médicos, biológicos, sociológicos, físicos e pedagógicos), para que possamos distinguir todas essas diferenças que possa estar atrapalhando a performance deste ou daquele jovem atleta.

Todas essas diferenças físicas, táticas, técnicas, psicossociais e pedagógicas serão agora detalhadas neste capítulo.

2.4 Diferenças nas principais capacidades físicas do futebol entre crianças e adolescentes da mesma faixa etária.

Ao realizar uma “peneira”, o clube de futebol estará selecionando aqueles que momentaneamente são mais capacitados físico e taticamente. O que os clubes não consideram é que pode haver diferenças discrepantes em torno dessas capacidades, devido às diferenças na composição física e diferentes idades biológicas, que segundo Gomes (2002) pode chegar a 3 anos, entre crianças e adolescentes de mesma idade cronológica.

De acordo com a este fato, ao escolher determinados talentos de forma tão empírica, pode-se estar escolhendo apenas um jovem atleta biologicamente mais velho em detrimento dos outros, o que eleva sua performance em relação às outras crianças e adolescentes de mesma idade cronológica.

Vamos passar agora a estudar essas diferenças nas principais capacidades físicas utilizadas no futebol que compreende resistência aeróbia e anaeróbia, força, velocidade e mobilidade. Irá se fazer também uma análise de como os fatores técnicos, táticos, psicossociais e pedagógicos podem influenciar na performance dessas crianças e ou adolescentes.

2.4.1. Físicos

2.4.1.1. Resistência Aeróbia e Anaeróbia

Segundo Köhler (1977, apud. Weineck, 2003, p.158), apesar das particularidades quanto a idade, as crianças e adolescentes mostram em princípio as mesmas adaptações que os adultos, tanto morfológica quanto fisiológico.

De acordo com Weineck (2004), na infância ocorrem adaptações funcionais e estruturais dos órgãos e sistemas orgânicos que mantêm proporcionalmente a performance ou a limitam. O mesmo autor afirma que as resistências aeróbia e anaeróbia são caracterizadas de modo

diferenciado conforme a idade biológica. Assim crianças e adolescentes com desenvolvimento acelerado têm melhor performance em relação aos que apresentam desenvolvimento retardado.

Como nas “peneiras” as crianças são divididas por idade cronológica, nota-se um grande equívoco, afinal, como os grupos são extremamente heterogêneos, pode-se ter crianças e adolescentes com diferentes idades biológicas altamente contrastantes.

Weineck (2004) declara que crianças e adolescentes que participam de um treinamento regular, composto por corridas de longa distância ou tempo, ou ainda a prática regular do futebol, apresentam notável aumento da resistência aeróbia.

Bingmann (1989, apud. Weineck, 2004, p.159), completa dizendo que o treinamento semanal do futebol (no caso o jogo em si) colabora também na elevação da performance psicofísica.

Weineck (2004), afirma em seus estudos que quanto maior for à estatura corporal das crianças e adolescente, maior será a captação máxima de oxigênio. Isso significa que crianças e adolescentes de estaturas elevadas possuem maior resistência aeróbia, do que crianças e adolescentes de estaturas inferiores.

Em relação à resistência anaeróbia, Weineck (2004) fala que esta é claramente limitada em adolescentes, quando comparados aos valores de uma pessoa adulta. O autor diz que a resistência anaeróbia melhora nas crianças e adolescentes em função do seu desenvolvimento.

O autor julga que este tipo de treinamento não é apropriado para crianças e adolescentes, devido a estes possuírem baixa capacidade anaeróbia, com isso menor capacidade de recuperação e também um estresse difícil de agüentar.

“Todos esses fatores podem levar rapidamente as crianças e adolescentes a uma hipersolicitação psicofísica.” Lehmann et Alii (1980, apud Weineck, 2004, p.162)

Weineck (2004), discorre que a capacidade anaeróbia ocorrerá de elevações somente com a entrada da puberdade, quando ocorre a elevação do hormônio testosterona.

Como pode-se notar existem diferenças consideráveis na resistência aeróbia entre crianças e adolescentes da mesma faixa etária, enquanto na resistência anaeróbia não toleradas em crianças e adolescentes, geralmente os levam a um estresse psicofísico, conseqüentemente atrapalhando sua performance.

Em relação às “peneiras” estes fatores não são analisados de maneira criteriosa no processo de seleção, pois acredita-se que a análise destes aspectos seja feita apenas através da observação, no momento do em que as crianças e adolescentes estão jogando, e não se realizam testes para medir as capacidades tanto aeróbia quanto anaeróbia.

2.4.1.2. Força

Segundo Weineck (2004), o treinamento de força em crianças e adolescentes tem suas origens em necessidades diferentes:

- *Segundo estatísticas, atualmente 50% até 65% dos estudantes possuem deficiência postural como a escola não tem como objetivos compensar tal déficit crônico de força devido à carência de movimento, é necessário que o clube de futebol corrija essa deficiência.*
- *Na fase do estirão de crescimento, o aparelho motor é essencialmente sensível a estímulos de treinamento.*
- *E m um treinamento de futebol só com formas típicas à modalidade, ocorre sobrecarga muscular unilateral. Enquanto alguns músculos são treinados acentuadamente (por exemplo, à perna) outros são esquecidos (por exemplo, o tronco). Com isso já na infância*

ocorre um desequilíbrio muscular, que mais tarde afetará na performance e facilitará o surgimento de lesões musculares.

Pode-se concluir que o treinamento de força em jovens atletas não deve servir somente para o aumento da performance, mas também quanto à manutenção da postura e a prevenção de lesões.

Equivalendo-se agora das diferenças de força entre crianças e adolescentes da mesma faixa etária Berthold e Thierback (1981, apud. Weineck, 2004, p.330) diz:

“A lei de Mark Jansen diz que a sensibilidade do tecido comporta-se proporcionalmente à sua velocidade de crescimento”

Para Weineck (2004) a Lei de Mark Jansen vale especialmente para a fase do estirão puberal de crescimento, em que pode se acarretar um alto risco de sobrecargas ortopédicas. Assim, a capacidade de suportar cargas pode ser diferentes em crianças ou adolescentes da mesma faixa etária, tanto cronológica quanto biológica.

Outro fator importante a ser analisado é a pesquisa realizada por Huber (1980, apud Weineck, 2004,), demonstra que em crianças e adolescentes quanto maiores forem os níveis de força, melhor será sua performance coordenativa.

As pesquisas de Crasselt, Israel, Richter (1984, apud. Weineck, 2004, p.336) demonstra que o desenvolvimento da força de salto em crianças e adolescentes é proporcional à taxa de crescimento abrupta.

Com isso conclui-se que durante uma “peneira”, aquelas crianças e ou adolescentes cuja força ou capacidade de suportar cargas seja maior, irá ter vantagens físicas para realização de saltos, correr em alta intensidade, dividir uma jogada, além de uma melhor performance coordenativa na execução dos fundamentos exigidos pelo jogo de futebol.

2.4.1.3. Velocidade

Segundo Israel (1977, apud. Weineck, 2004, p.441) *“A velocidade máxima parece ser geneticamente determinada”*. Com isso o autor não acredita ser impossível a determinação biológica das bases da velocidade ocorrer muito tarde. O que não foi desenvolvido a tempo não será alcançado mais tarde.

Bompa (2002), fala que a capacidade motora, coordenação e velocidade (um dos dois componentes da potência) têm uma maior probabilidade de serem herdados geneticamente em relação a habilidades naturais como resistência.

Esse fato faz-se necessário o treinamento da velocidade o mais cedo possível.

A respeito da velocidade Weineck (2004) transcreve: *“Em crianças e adolescentes – especialmente na faixa etária entre 8anos e 16 anos –, a alta plasticidade do córtex cerebral e a instabilidade morfológica do sistema nervoso possibilitam da melhor forma, que se estabeleçam às bases da velocidade”*.

Complementa o autor:

“Uma vez que a velocidade é altamente treinável muito cedo, ela precisa ser efetivamente aperfeiçoada na infância e na adolescência por causa das altas taxas de crescimento desses períodos. Nas categorias de 6-10 anos e 10-12 anos, deveriam ser realizados estímulos de velocidade e de reação – exercícios de reação devem estar freqüentemente ligados a acelerações. Na faixa etária de 12-15 anos, deve-se acrescentar um treinamento de velocidade adequado a esse período.” (p.443-444)

Para Weineck (2004), a velocidade alcança seu ponto máximo entre os 13 anos e os 15 anos, devido ao grande crescimento da força máxima e da força rápida (por causa da elevação do hormônio testosterona nessa fase).

Segundo Weineck (2004), a velocidade do jogador de futebol representa uma qualidade muito complexa formada por capacidades espaciais, técnicas, cognitivas e psicológicas que são influenciadas pelas qualidades emocionais e volitivas. As mais importantes dessas capacidade parciais complexas são: a velocidade de reação – resultante da velocidade de percepção, de antecipação e de decisão – e a velocidade-habilidade – resultante da velocidade de reação, de movimento e de ação.

Afinal, será que todas essas capacidades espaciais, técnicas, cognitivas e psicológicas que formam a velocidade, juntamente com a influência das qualidades emocionais e volitivas são analisadas nas “peneiras” de futebol?

2.4.1.4. Mobilidade

Para Weineck (2004) a mobilidade é melhor quanto mais jovem (biologicamente) os jogadores forem. Por isso torna-se essencial desde a infância fazer o treinamento de manutenção. O autor afirma existir a mobilidade infantil por movimentos gerais (mobilidade da coluna, ombros e quadril) e a mobilidade específica do futebol realizada por exercícios específicos. Segundo o autor as crianças por terem um alto grau de elasticidade e capacidade de alongamento, podem realizar saltos e sprints sem qualquer preparação anterior, sem existir riscos de lesão.

Com isso quando comparam-se duas crianças e ou adolescentes de mesma idade cronológica, porém, com idades biológicas distintas, o mais novo biologicamente terá uma melhor flexibilidade, contudo ira possuir também um maior desequilíbrio muscular devido à uma musculatura mais fraca.

Schmidt (1988, apud. Weineck, 2004) faz valer o fato citado acima:

“Em pesquisas longitudinais pode-se demonstrar que os encurtamentos musculares e as fraquezas de alguns grupos musculares ocorrem muito cedo, ou seja, já na infância.”

O treinamento da mobilidade tem como principal característica à profilaxia de lesões por sobrecargas exageradas.

De acordo com Weineck (2004), a capacidade mobilidade eleva-se até os 12 anos, após essa idade é possível apenas manter os níveis alcançados. Fato esse que acontece com a chegada da puberdade, onde as crianças crescem de 8-10cm ao ano. Devido a esta transformação hormonal (principalmente do hormônio de crescimento, GH) o aparelho motor passivo perde capacidade de resistência mecânica. Assim nessa fase há uma piora da mobilidade, possivelmente pelo fato dos músculos e tendões não acompanharem o acelerado crescimento longitudinal.

Assim sendo, acredita-se que o treino de mobilidade deve ser utilizado juntamente com o treinamento de força, pois quanto mais forte a musculatura, mais ela precisa ser descontraída após o fortalecimento.

Com esses fatores percebe-se que selecionar talentos analisando sua condição física por cerca de quarenta minutos é um grande equívoco, afinal uma criança ou adolescente biologicamente mais velho pode a vir levar vantagem sobre outro atleta de mesma idade cronológica, entretanto biologicamente mais novo.

Além dos fatores físicos que possam favorecer este ou aquele atleta, pode-se incluir mais quatro itens que não são avaliados de maneira científica numa “peneira” de futebol: os fatores táticos, técnicos, pedagógicos e psicossociais. Faz-se agora uma breve descrição sobre como cada um destes fatores pode determinar o rendimento da performance em jovens talentos.

2.4.2. Táticos

Ao discorrer sobre a definição de “peneira”, recai-se sobre Montagner e Silva(2003), no momento em que trazem a informação na qual as crianças são analisadas durante aqueles 40-50

minutos, entre outros fatores, sobre o posicionamento tático desenvolvidos por eles durante o processo de avaliação.

Dados obtidos pelo site www.gazetaesportiva.net de 2004, diz que o Sport Clube Corinthians Paulista, por exemplo, seleciona em suas “peneiras” (que de acordo com o a reportagem é chamado de testes) nem sempre os que mais se destacam, mas também de acordo com as posições “carentes” de cada categoria de base.

Lembra-se também, ao descrever o processo de seleção vigente na maioria dos clubes de futebol, que durante o período de cadastramento as crianças e adolescentes são obrigadas a citar qual é a posição em que atuam.

Acredita-se ser um equívoco muito grande especializar crianças em determinadas posições táticas dentro de campo, sejam estas definidas por atributos de ordem física ou técnica. Crê-se também que estes jovens atletas ainda não possuem uma capacidade própria para poder se autodeterminar qual é a sua posição de origem no futebol.

Bompa (2002) diz que a especialização nas determinadas posições táticas deve ser introduzida entre os 15 aos 18 anos, na qual o autor nomeia fase de especialização, para que aos 19 anos o atleta se especialize definitivamente na posição tática que melhor encaixe no seu perfil físico e técnico.

Weineck (2004), tem opinião semelhante quando escreve que as ações táticas através da análise do jogo e de acordo com as características de cada atleta devem ocorrer entre os 16 aos 18anos.

Comprovadamente este processo não é aplicado de maneira sistemática nas “peneiras” nem na maioria das categorias de base dos clubes de futebol, que especializam suas crianças até mesmo a partir do processo de seleção, sabendo que nas “peneiras”, esses jovens atletas são obrigados a determinar à posição na qual atuam.

De acordo com Moreira; Pellegrinotti; Hebling (1992), é um equívoco impor um padrão de jogo, a vivência de técnicas ou posições tática as crianças.

Seguindo a mesma filosofia, Scaglia (1999) acredita que somente aos 13-14 anos é que as crianças devem aprender as posições táticas específicas do futebol, as quais ele divide como:

- *Goleiros;*
- *Laterais;*
- *Alas;*
- *Zagueiros;*
- *Líberos;*
- *Médios Volantes;*
- *Meio Campistas;*
- *Atacantes.*

Para a partir desse conhecimento buscar uma especialização no futebol.

Nessa conduta pedagógica, Freire (1998) diz que: “... *deve-se promover, entre os alunos, rodízios de posicionamento. Esse Rodízio é tão mais importante, quanto mais novo for o aluno*”.

Nota-se infelizmente, que estes princípios inexistem no processo de seleção atual e ainda vigente no futebol. As crianças e adolescentes são especializadas precocemente desde sua seleção, na qual já são obrigadas a saber em qual posição vão atuar, até chegarem ao profissionalismo, atuando anos pela mesma faixa do campo, sem ao menos haver uma utilização de critérios científicos para posicionar taticamente a criança de acordo com seu perfil. Torna-se irrelevante observar crianças com até mesmo 8-10 anos como zagueiros, volantes ou atacantes. Onde todos os processos científicos levam ao início da especialização a partir de no mínimo 15-16 anos, neste aspecto é um equívoco determinar posições táticas para essas crianças que vão passar pelas

“peneiras”, se todos os critérios científicos indicam que o aprendizado das posições táticas deva ocorrer a partir dos 13 anos e sua especialização final por volta de 17-18 anos de idade.

2.4.3. Técnicos

O processo de seleção de jovens atletas deve estar diretamente ligado a um processo de treinamento em longo prazo, e dentro desse processo de treinamento incluem-se os fatores técnicos do futebol.

De acordo com Freire (1998) são:

- *Desarme;*
- *Drible;*
- *Lançamento;*
- *Cruzamento;*
- *Finalização;*
- *Passe;*
- *Controle de bola;*
- *Condução;*
- *Cabeceio;*
- *Defesa do goleiro.*

Freire (1998), faz ainda uma classificação das capacidades motoras básicas do futebol:

- *Equilíbrio:* adaptação constante para as diversidades do jogo;
- *Motricidade fina:* gestos sutis das extremidades do corpo na ação das jogadas;
- *Velocidade de reação:* reação de defesa e ataque do goleiro e jogadores de linha;
- *Força e velocidade do chute:* eficiência nas finalizações;

- *Velocidade de deslocamento*: capacidade de percorrer trechos curtos em alta velocidade;
- *Agilidade*: capacidade de se deslocar em velocidade por diversas direções;
- *Força geral*: facilitar o confronto de forças pelo contato corporal entre os jogadores;
- *Força de salto vertical*: capacidade de impulsionar o corpo para cima no empreendimento de ações de defesa do goleiro e dos jogadores de linha;
- *Força de salto horizontal*: capacidade de impulsionar o corpo para frente no empreendimento de quase todas as habilidades como chute, passe, drible, etc.

O autor ainda afirma, que a análise unilateral de fatores técnicos e das capacidades é insuficiente para entender à lógica do gesto esportivo, no caso citado o futebol. Nesse aspecto, este sofre interferência de fatores racionais e emocionais, ou seja, interagem com as capacidades perceptivas e cognitivas. Freire (1998) descreve:

"... as capacidades de força, de velocidade, de agilidade, entre outras, assim como as habilidades de chutar, de cabecear, de passar, etc., só resultam eficientes quando tornadas inteligíveis, lógicas por integrarem de forma equilibrada, os fatores motores, os intelectuais, os sociais, os morais e os emocionais." (p.109)

Ao analisar a citação acima, percebe-se que o esporte, e no nosso caso o futebol, não é apenas um monte de agregados físicos, mas também, envolve inúmeros outros fatores que faz do esporte um ambiente social, educacional e emocional, quesitos estes que não são abordados no processo de seleção, nem ao menos de maneira adequada na formação dos atletas. Essa visão será amplamente debatida no capítulo 3.

A respeito de ordem técnica, acredita-se que a única forma de análise é realizada na observação do jogo coletivo como um todo, não havendo uma avaliação fora o coletivo que avalie a capacidade técnica desses jovens atletas, nem em relação à caracterização do gesto esportivo.

2.4.4. Psicossociais

De acordo com Silva (1999) o êxito nas competições dependem, em grande parte, das propriedades psicológicas dos atletas. Por isto ao caracterizarmos um “modelo de jogador de futebol”, é necessário levar em conta as particularidades do indivíduo e o seu nível de preparo psicológico.

Acredita-se que durante a realização de uma “peneira”, as crianças e adolescentes com um maior índice de desenvolvimento psicossocial, se destacara mais que os outros concorrentes. Pois esta conseguirá ter um maior controle das variáveis psicológicas que segundo Brandão & Figueira são: *autoconfiança, pressão, erro, determinação, força de vontade, atitude, disciplina, motivação, estabilidade, coragem, concentração e antecipação*

Segundo Gomes (2002), uma criança psicossocialmente mais desenvolvida é mais independente, com decisão e capacidade de mobilizar-se no andamento da competição, são mais ativos e persistentes nas disputas esportivas. Segundo o autor deve-se ainda, levar em conta o estado geral da personalidade do atleta.

Tani (2001), explica que o imediatismo no alcance dos resultados pode provocar uma enorme pressão psicológica, muitas vezes de nível insuportável para as crianças.

Para Filin & Volkov(1998, apud. Silva, 1999, p.34), nos jogos esportivos os aspectos psico-fisiológicos devem receber importância, pois são eles que vão capacitar a ação tática e técnica. Completa o autor:

"... a característica das reações sensório-motoras, capacidade para resolver operativamente tarefas motoras, e controle do estado emocional sob condições adversas, desempenham um papel fundamental no processo de seleção para os desportos de equipe."(p.81)

Esta análise deixa claro que uma criança e ou adolescente com potencial pode não desenvolver seu melhor jogo por estar sofrendo pressão dos pais, amigos, etc; além da própria competição interna que já existe nas "peneiras", atrapalhando sua performance. Assim uma criança ou adolescente com potencial, porém que tenha uma personalidade mais "fechada", em que na hora da seleção não consiga mostrar atitudes, poder de competição, por sentir-se intimidada, não vai ter uma boa exibição.

Weineck (2003), cita como fatores afetivos – sociais que interferem na performance:

- *Estabilidade psíquica;*
- *Prontidão para competições;*
- *Severidade;*
- *Capacidade de controle de estresse;*
- *Capacidade de assumir uma função dentro de um trabalho em equipe;*
- *Capacidade de trabalho em equipe, etc.*

A ciência do esporte acredita que é necessária uma avaliação psicossocial por parte dos treinadores no processo de seleção, e assim trabalhar o aprimoramento do lado psicológico e social desses jovens atletas. Porém no processo vigente, as "peneiras", observam-se apenas os fatores visíveis momentâneos.

2.4.5. Pedagógicos

“O ritmo da formação dos hábitos motores e o desenvolvimento das qualidades possibilitam prever as perspectivas no aperfeiçoamento desportivo dos praticantes no futuro.”

Gomes (2002)

A criança ou adolescente ao passar o dia todo “jogando bola”, seja na rua, nos campinhos, escolinhas de futebol, ou em qualquer outro lugar, terá uma maior bagagem motora e uma maior formação das habilidades básicas do futebol em relação às crianças e adolescentes da mesma faixa etária que tenha uma vivência prática menor no esporte.

Nesse aspecto pode-se lembrar Freire (1998), quando este retrata a questão da pedagogia de “rua” em que ele nos remete, que atualmente um dos melhores lugares para se aprender a prática futebolística é nas ruas. Lembra-se que a maior parte desses jovens atletas que ambicionam ser selecionado nas “peneiras” vem das camadas mais baixas da sociedade, sendo que este fator poderá vir a ser determinante na escolha deste ou daquele garoto que devido a uma vivência maior no esporte poderá ter uma bagagem motora maior.

Com isso uma criança ou adolescente com uma maior bagagem motora, provavelmente terá uma incidência maior de acerto no passe, maior precisão nas finalizações, na condução de bola, no drible, além da melhor coordenação motora, e com isso pode-se estar desperdiçando atletas que com uma formação e acompanhamento pedagógico adequada poderia ter um futuro brilhante.

Nesse contexto concorda-se com Silva (1999) quando ele remete a informação que por trás de um processo de seleção de talentos, seria interessante existir um processo pedagógico, porque a evolução das capacidades e habilidades durante o aprendizado podem ser determinantes a médio e longo prazo para os talentos esportivos.

Freire (1998), acredita que deveria existir uma avaliação pedagógica por parte dos profissionais que ensinam futebol. Fundamentos como passe, chute (finalização), drible, condução

de bola, deveriam ser avaliados. Trazendo este fato para o campo da seleção de talentos, acredita-se que deveria ser feito um processo de avaliação semelhante a este induzido pelo autor em questão.

De forma sucinta este capítulo tentou analisar a forma empírica e assistemática nas quais são realizadas as famosas “peneiras” de futebol e que todos esses fatores físicos, psicossociais e pedagógicos podem influenciar na perda de um jovem talento, que tendo uma formação adequada tornar-se-ia um excepcional atleta.

Tenta-se questionar para elucidação de uma forma científica no modelo de seleção ainda vigente no futebol, as “peneiras”, que se observam apenas quesitos momentâneos. Queria-se observar um processo de seleção diferente, que avalia-se todos os aspectos percorridos durante o capítulo, por se achar que esta seria uma maneira de selecionar realmente os melhores talentos.

Pois se acredita que o problema maior não esteja em desperdiçar um ou outro talento num imenso celeiro de craques que o Brasil produz a cada ano, mas sim destruir sonhos construídos por crianças e adolescentes, na sua ampla maioria humilde e principalmente das camadas mais baixas da sociedade, que já tem uma expectativa de vida futura frustrada e que em sua grande maioria se alimentam de sonhos. Perspectivas estas que não podem ser derrubadas por este processo empírico e assistemático de seleção.

CAPÍTULO 3

A Formação de Jovens Talentos no Futebol

3.1 Identificando um Talento

O processo de identificação dos atletas mais talentosos envolve um processo de treinamento organizado, que hoje, deveria ser uma das maiores preocupações do esporte brasileiro. Segundo Bompa (2002), *“... é importante descobrir os indivíduos mais talentosos e selecioná-los desde a tenra idade, para então monitorá-los continuamente e avaliá-los na escalada do mais alto nível e desempenho”*.

De acordo com Bompa (2002), o técnico precisa investir trabalho e tempo com as crianças e adolescentes que possuam capacidade, tanto superior quanto natural para determinados esportes, afim de não desperdiçar talento, tempo e energia e, na melhor das hipóteses, evitar a produção de mediocridade. Sendo o principal objetivo do processo de identificação de talentos selecionar os jovens atletas com grande capacidade para determinado desporto, no nosso caso para prática do futebol.

Dados emitidos pelo autor mostram que vários medalhistas nos jogos olímpicos de 1972, 1976 e 1984 foram cientificamente selecionados. O dado mais surpreendente notificado pelo autor mostra que 80% dos medalhistas búlgaros nas Olimpíadas de 1976 foram êxitos de um processo amplo de seleção de talentos.

Isso nos leva a acreditar que o processo de identificação de talentos deva ser realizado de maneira científica, com critérios definidos de seleção, de acordo com as exigências e as características específicas de cada modalidade esportiva, a fim de descobrir os indivíduos mais talentosos para determinado esporte.

No caso do futebol, alvo deste estudo, não existe um processo científico, muito menos sistematizado, o que existe nas “peneiras”, é o que os técnicos das categorias de base chamam de “olho clínico”, que Montagner e Silva (2003) diz: “... *esses ‘especialistas’ sabem se o ‘moleque’ é craque apenas olhando o jeito que ele bate na bola*”.

Bompa (2002), mostra que a utilização de critérios científicos para a identificação de talentos traz vários benefícios. Observe a seguir:

- *Reduz significativamente o tempo exigido para atingir um alto desempenho por meio da seleção de indivíduos que são dotados de forma generosa para determinado desporto;*
- *Elimina um alto volume de trabalho e desperdício de energia e talento por parte do técnico. A efetividade do treinamento é elevada quando os atletas mais habilidosos são treinados primeiro;*
- *Eleva a competitividade e o número de atletas que desejam altos níveis de desempenho;*
- *Aumenta a autoconfiança do atleta, porque seu desempenho dinâmico é visto como mais dramático do que o de outros atletas da mesma idade, que não passam por um processo de seleção;*
- *Facilita indiretamente a aplicação de um treinamento científico porque os estudiosos do esporte, os quais assessoram a identificação de talentos, podem ser motivados a continuar o acompanhamento do treinamento do atleta.*

Para Filin & Volkov (1998, apud Silva, 1999, p.6), a identificação de talentos deve ser feita de maneira metodológica que inclua avaliações pedagógicas, psicológicas e médico-biológicas, nas quais identificamos as capacidades das crianças e ou adolescentes para assim as especializá-las em um determinado esporte. O autor completa dizendo que é crucial saber as particularidades

morfológicas dos jovens atletas, dentre elas as funções motoras e vegetativas, o metabolismo energético, formação e aperfeiçoamento.

Ainda que toda sistematizada esta forma de identificação de talentos não pode ser considerada 100% garantida, pois estas características sofrem inúmeras variações e diversas influências, não comprovando assim que todos os jovens atletas selecionados serão grandes jogadores de futebol, contudo é muito mais abrangente e completa se compararmos com os modelos atuais.

Makarenko (2001), faz uma retratação ao parágrafo anterior:

“A seleção não é algo momentâneo, mas sim um processo relativamente longo, que compreende uma análise unilateral de diversas particularidades psicológicas e morfofuncionais dos jovens atletas, além da avaliação de diferentes aspectos de seu desenvolvimento físico e de sua preparação desportiva. Este processo divide-se em várias etapas, cujo limite convencional é a formação do grupo com o nível mais elevado de preparação.” (p.28)

A identificação realmente deva ser realizada dentro de um sistema metodológico amparado por bases científicas para que se avalie a capacidade real da criança ou adolescente, e assim não se cometa equívocos, ou que, se minimizem as chances destes ocorrerem.

Para Bompa(2002), existem dois métodos básicos de seleção: o *natural* e o *científico*. No primeiro, o atleta é fruto do resultado da influência local (tradição, escola, desejo dos pais), desta forma o desempenho dos atletas depende da participação ou não em um esporte em que são talentosos. Este método de seleção pode muitas vezes retardar o processo. O segundo método é o qual os jovens habilidosos são escolhidos pelos técnicos. Com isso o tempo do processo de seleção é relativamente mais curto do que no método natural.

Apesar das “peneiras” ter duração média de 40 – 50 min e serem realizadas inúmeras vezes ao longo do ano, este processo empírico e assistemático e sem o amparo das Ciências do esporte, pode se acarretar em um longo tempo sem se encontrar um talento para o futebol.

Veja como Gomes (2002) classifica o sistema de identificação de talentos:

1. *Seleção Primária:*

- *Observação pedagógica;*
- *Testes de controle*
- *Mostra – Concurso nos vários tipos de desporto;*
- *Observação sociológica;*
- *Observação médico-biológica.*

2. *Aprofundamento da revisão em correspondência à exigência nos contingentes selecionados dos praticantes, apresentação dos êxitos na especialidade escolhida:*

- *Observação pedagógica;*
- *Testes de controle;*
- *Competições e provas de controle;*
- *Observação psicológica;*
- *Observação médico-biológica.*

3. *Sistema de ensino em longo prazo para cada praticante na escola desportiva com o objetivo da determinação final da sua especialidade desportiva individual (etapa de orientação desportiva):*

- *Observação pedagógica;*
- *Testes de controle;*
- *Competições e provas de controle;*

- *Observação psicológica;*
- *Observação médico-biológica.*

Este processo de seleção muito mais completo e abrangente, deveria ser realizado em todos os esportes, inclusive no futebol. Este processo avalia fatores importantes como a orientação pedagógica e sociológica, itens fundamentais para a formação global das crianças e adolescentes. As observações psicológicas e médico-biológicas servirão como determinantes no processo de encaminhamento e especialização esportiva; assim como os testes de controle e as competições para avaliar o desempenho destes jovens atletas.

Acredita-se ser este um processo de seleção ao longo de vários anos, que potencializa um aproveitamento maior no número de jovens talentos em relação às triagens realizadas de modo empírico no futebol.

Segundo Gomes (2002), que formulou este processo de seleção, na primeira etapa é impossível revelar o tipo ideal das crianças possuidoras das qualidades morfológicas, funcionais e psicológicas para a especialidade.

Na segunda etapa o autor acredita que através dos ritmos de desenvolvimento das qualidades físicas e na formação dos hábitos motores, possibilitam prever as perspectivas do aperfeiçoamento dos praticantes no futuro. O treinador deve prestar maior atenção no surgimento de crianças mais independentes, com decisão e capacidade de mobilizar-se, ativas e persistentes no andamento da competição.

A terceira e última etapa é, de acordo com o autor, onde se determina os pontos fortes e fracos da preparação dos praticantes. Nesse momento é onde se ruma para especificação esportiva das crianças e adolescentes.

Completando a classificação acima, Bompa (2002) divide as etapas de seleção conforme a idade cronológica das crianças:

- *Fase primária*: de 3 – 10 anos;
- *Fase secundária*: dos 10- 17 anos;
- *Fase final*: a partir dos 17 anos.

Especificamente nos jogos coletivos, Gomes (2002) inclui além das etapas citadas acima, uma análise nas soluções de objetivos técnicos – táticos e um complexo estudo da personalidade da criança e adolescente. Sendo necessária para um prognóstico seguro uma observação ao longo dos anos.

Os principais critérios para identificação de talentos no futebol, de acordo com Bompa (2002) são:

- *Coordenação, espírito de competição;*
- *Resistência à fadiga e do estresse;*
- *Alta capacidade aeróbia e anaeróbia;*
- *Inteligência tática*

Acredita-se, que no futebol, têm-se jovens talentos por todas as partes. É necessário sistematizarmos meios para selecioná-los e então submetê-los a um treinamento bem planejado e metódico. Para esse trabalho é necessário científicidade, ou seja, dimensionar parâmetros, desenvolver um modelo e aplicá-lo a fim de selecionarmos os melhores atletas para o futebol. Algo que não pode ser realizado do dia para noite, muito menos numa “peneira” com duração média de 40 – 50 minutos.

3.2 Planejamento do Treinamento em Longo Prazo

O planejamento em longo prazo é uma necessidade do treinamento moderno. Se bem estruturado aumenta consideravelmente a eficiência do treinamento. Além disso, facilita a avaliação completa e específica dos jovens atletas. Acredita-se que com os avanços da ciência e a experiência dos melhores técnicos e especialistas aperfeiçoarão o treinamento esportivo.

Para Bompa (2002) um planejamento em longo prazo precisa estabelecer seu direcionamento e objetivo geral e específico, que devem ser organizados ao longo de muitos anos. A construção de tal plano deve considerar quatro fatores:

- *Quantidade de anos de treinamento sistemático necessário para o futuro atleta obter um alto desempenho;*
- *A média de idade na qual o atleta atinge o alto nível;*
- *O nível de capacidade natural com o qual o futuro atleta inicia sua preparação;*
- *A idade na qual o atleta inicia o treinamento especializado.*

Observa-se uma tendência por parte da ciência do esporte na qual as crianças e adolescentes iniciarem a uma prática esportiva o mais cedo possível, para que assim tenham uma maior possibilidade de se tornar um atleta profissional, através de um treinamento sistematizado ao longo de muitos anos de treinamento.

No caso específico do futebol, Gomes (2002), diz que sua iniciação deve ocorrer por volta dos 8 anos de idade, já Weineck (2004) fala que pode-se começar a iniciação esportiva em crianças a partir dos 6 anos de idade.

No desenvolvimento e organização de um planejamento em longo prazo, Bompa (2002) considera a idade do atleta. Para um atleta jovem, abaixo dos 16 anos, o plano deve ter de 6-8 anos

de treinamento, já para um atleta acima dos 16 anos esse período cai por volta de 4 anos de periodização.

Periodização esta, que o autor divide em dois grupos principais: *Treinamento geral e especializado*. O primeiro tem duração média de 4-6 anos de treinamento e é dividido em dois sub-grupos: a *fase de iniciação* que vai de 6-10 anos de idade e coincide com a pré-puberdade e a *fase de formação atlética* que começa aos 11 anos e se estende até os 14 anos, coincidindo com a puberdade.

O segundo grupo, é dividido também em dois sub-grupos: a *fase de especialização* que atua na faixa etária de 15-18 anos e é coincidente com a adolescência, e a *fase de alto desempenho* a partir dos 19 anos de idade quando começa a maturidade dessas crianças e adolescentes.

Essa divisão realizada por Bompa (2002), é uma classificação geral, não considerando algumas variações dadas a certos esportes. A seguir vamos observar detalhadamente cada uma dessas fases.

3.2.1 Iniciação – dos 6 aos 10 anos

Para Bompa (2002), crianças nesse estágio devem participar de programas de treinamento de baixa intensidade. Devido à carência de suportar as demandas físicas e psicológicas de um treinamento mais intenso voltado a competições. O foco do programa deve estar no desenvolvimento atlético geral das crianças e não no desempenho. Assim sendo o planejamento para essa fase deve conter as seguintes diretrizes na estruturação do treino:

- *Enfatizar o desenvolvimento multilateral introduzindo as crianças aos exercícios específicos, que ensinam habilidades desportivas fundamentais. Estas devem incluir corridas, corridas de velocidade, saltos, os atos de aparar, lançar, rebater, equilibrar e rolar. Ensine as crianças a aprenderem a nadar, ciclismo e esqui;*

- *De a cada criança tempo suficiente para um desenvolvimento adequado das habilidades e um tempo igual para que joguem e participe das atividades;*
- *Reforce positivamente a atitude de cada criança que são responsáveis e autodisciplinadas;*
- *Incentive as crianças a desenvolverem várias capacidades motoras com baixa intensidade;*
- *Selecione o número adequado de repetições para cada habilidade e encoraje as crianças a desempenharem a técnica adequada;*
- *Modifique o equipamento e o ambiente de jogo para um nível apropriado. Por exemplo, crianças nessa faixa etária não têm força suficiente para arremessar uma bola oficial de basquete numa tabela de altura oficial que tem cerca de 3,48m de altura;*
- *Estruture exercicios específicos, jogos e atividades de forma que as crianças tenham uma participação ativa;*
- *De as crianças a oportunidade de construir seus próprios exercicios, jogos e atividades. Exercite a criatividade e a imaginação delas;*
- *Simplifique as regras para que todas as crianças entendam o jogo, para evitar efeitos negativos sobre a auto-estima;*
- *Utilize jogos que introduzam estratégias e técnicas básicas. Durante o jogo demonstre aos jovens atletas a importância do trabalho em equipe e a posição do jogo honesto;*
- *Encoraje as crianças a desenvolverem a concentração;*
- *Mostre a importância da ética e do jogo honesto;*
- *Ofereça oportunidades para que meninos e meninas participem juntos;*
- *O esporte deve ser uma brincadeira para todas as crianças.*

3.2.2 Formação Atlética – dos 11 aos 14 anos

De acordo com Bompa (2002), nessa fase eleva-se moderadamente a intensidade do treinamento. Embora a maior parte das crianças sejam vulneráveis a lesões e danos emocionais, o organismo começa a desenvolver-se rapidamente. A ênfase nessa fase continua sobre o desenvolvimento das capacidades e habilidades motoras, e não no desempenho ou sobre a vitória.

Segundo o autor esta fase deve conter as seguintes diretrizes no planejamento do treinamento:

- *Guie os atletas por meio de vários exercícios específicos de vários esportes que enriquecerão sua base multilateral e os prepararão para as competições. Aumente progressivamente o volume e a intensidade;*
- *Projete exercícios de bases táticas. Estes devem desenvolver a habilidade;*
- *Auxilie os atletas no refino e na automatização da habilidade básicas aprendidas, e ensine o aprendizado de habilidades mais complexas;*
- *Evite colocar jovens atletas em situações humilhantes;*
- *Melhore a flexibilidade, coordenação e equilíbrio;*
- *Enfatize a ética do esporte e a prática do jogo honesto;*
- *De oportunidade de participação a todas as crianças, em um nível que seja desafiador para elas;*
- *Introduza o desenvolvimento da força geral;*
- *Intensifique o treinamento de resistência aeróbia;*
- *Nessa fase comece um treinamento da capacidade anaeróbia de forma moderada. Evite realizar treinos intensivos, a fim de evitar um estresse excessivo no sistema anaeróbio láctico;*

- *Evite competições que provocam desgaste demasiado das estruturas anatômicas do organismo;*
- *Promova exercícios mais complexos com o intuito de melhorar a concentração;*
- *Introduza formalmente o treinamento mental;*
- *Apresente aos atletas uma variedade de situações competitivas de cunho recreativo. Isso auxiliará no treinamento técnico e tático, contudo não enfatize a vitória.*

3.2.3 Especialização – dos 15 aos 18 anos

Nessa fase, de acordo com Bompa (2002), os adolescentes já podem suportar grandes cargas de treinamento e competições. Aqui os atletas passam de um treinamento geral, que enfatiza o desenvolvimento multilateral, para realização de exercícios específicos com o intuito do desenvolvimento do desempenho. Monitore o volume e a intensidade com objetivo de melhora dos resultados, sem causar lesões. De acordo com o autor, as diretrizes de treinamento nessa fase são:

- *Fiscalize a melhoria nas capacidades motoras dominantes para o esporte, como potência, capacidade anaeróbia, coordenação específica e flexibilidade;*
- *Eleve o volume de treinamento dos exercícios específicos;*
- *Aumente a intensidade do treino mais rapidamente que o volume. Contudo o treinamento não deve levá-los a exaustão;*
- *Envolva os atletas no processo de decisão, sempre que possível;*
- *Continue o treinamento multilateral, durante o período preparatório;*
- *Faça que os atletas aprendam os aspectos teóricos do treinamento;*

- *Enfatize os exercícios com a musculatura que os atletas utilizam nas habilidades técnicas específicas. O desenvolvimento da força deve ser iniciado afim de refletir as necessidades específicas do esporte. Evite o treinamento de força máxima (menos que 4 repetições);*
- *Para os atletas envolvidos com os esportes de resistência, mantenha elevada a capacidade aeróbia;*
- *Eleve gradualmente o volume e a intensidade do treinamento anaeróbio. Nessa fase os atletas já são capazes de suportar o acúmulo de ácido láctico;*
- *Aperfeiçoe as técnicas do esporte. Engaje habilidades técnicas nos exercícios táticos e aplique-os no treinamento;*
- *Melhore a tática individual e coletiva. Analise a iniciativa, autocontrole, vigor competitivo ética e honestidade dos atletas;*
- *Eleve o número de competições progressivamente, para que no final deste estágio os atletas estejam participando no mesmo número de provas que um adulto;*
- *Guie os atletas no treinamento mental, desenvolva concentração, o pensamento positivo, a auto-regulação, a visualização, a motivação para melhorar o desempenho específico do esporte.*

3.2.4 Alto Desempenho – Aos 19 anos ou Mais

Segundo Bompa (2002), um planejamento bem estruturado, baseado no desenvolvimento em longo prazo, levará o atleta à alta performance. Os resultados alcançados nas etapas anteriores não têm correlação com os índices alcançados no desempenho adulto. Assim o treinamento nessa fase deve seguir os seguintes princípios:

- *Faça com que os ritmos e a velocidade nas sessões de treinamento sejam iguais as das competições;*
- *Eleve o volume e a intensidade do treinamento para as capacidades motoras específicas, em relação ao estado atlético, individual, físico e psicológico. O treinamento deve consistir de exercícios específicos do esporte praticado;*
- *Aperfeiçoe as habilidades táticas e técnicas, além de estratégias de treinamento mental;*
- *Realize uma periodização abrangente dos planos de longo prazo.*

3.3 Treinamento Específico no Futebol para Crianças e Adolescentes em um Processo em Longo Prazo

O objetivo deste tópico é mostrar uma visão geral e resumida sobre os diferentes objetivos para crianças e adolescentes no processo de treinamento em longo prazo no futebol. O quadro a seguir, de acordo com o modelo de Bauer(1990, apud. Weineck, 2004, p.499), traz as seguintes divisões e os diferentes objetivos para cada faixa etária:

Orientação para o jogo	6-10 anos	10-12 anos	12-14 anos	14-16 anos	16-18 anos
Alegria e Motivação ao Jogar e treinar	Ausência de medo e alegria ao saltar, rolar e chutar a bola	Alegria no jogar em conjunto e em aprender a jogar	Alegria na disputa pela bola e na luta conjunta por uma vitória	Alegria e satisfação no desenvolvimento	Alegria na atividade voltada para a performance com os próprios meios técnicos, condicionais e táticos; futebol para a vida inteira!
Capacidade geral de coordenação	Cálculo do movimento da bola, treinar a motricidade em geral	Melhoria da coordenação dos movimentos corporais com bola; treinar o "feeling" com a bola	Estabilização da motricidade no dia-a-dia e da habilidade geral, apesar do estirão de crescimento	Domínio corporal multifacetado em situação de disputa de bola; dureza contra ataques do adversário	Melhoria da habilidade do movimento sob pressão de tempo e espaço apesar do ataque adversário
Capacidades	Conduzir a bola; formas simples de passar e receber, tabelar e chutar ao	Todas as técnicas e formas básicas do movimento sem adversário e	Forma fina dos movimentos básicos, utilizando estes em	Automatização da técnica específica da posição; driblar e disputar a bola	Utilizar conscientemente técnicas para soluções táticas;

técnicas especiais	gol com a porção medial e dorsal do pé	em exercícios simples	exercícios competitivos e jogos	em exercícios de disputa de bola	aprender a dominar todas as técnicas em alto ritmo
Condição geral e especial	Correr, saltar, rolar, resistência de longa duração e habilidade através de várias formas de jogo	Coordenação motora rápida através de jogos com participação do ato de saltar, empurrar ou através de revezamento	Resistência aeróbia e flexibilidade através de corrida em grande volume e do treinamento corporal (ginástica)	Início do treinamento geral e especial de força; treinamento da velocidade e treinamento misto das capacidades aeróbias e anaeróbias	Treinamento da força de salto e chute; força do tronco; resistência anaeróbia e velocidade com e sem bola
Conhecimento Tático, habilidade	Entendimento da idéia do jogo “fazer gols e evitar gols”, através do ataque e defesa conjunta	Manutenção dos espaços de jogo e solução das tarefas dadas; ações táticas individuais (corrida livre e cobertura)	Melhoria do jogo conjunto (tática em grupo); comportamento tático adequado em situações padrão	Conhecimento da tática de jogo e melhora da ação tática em equipe (jogo ofensivo, defensivo e marcação individual)	Ações táticas próprias através da análise do jogo e através de qualidades pessoais
Segurança em relação à regra	Conhecimento mínimo das regras; gol, arremesso lateral, infração e impedimento	Observação de todas as regras, especialmente as regras 4, 8 e 17	Reconhecimento das decisões dos juizes	Prontidão para trabalhar como árbitro em uma partida	Capacidade para organizar e conduzir jogos
Elevar a prontidão para o desempenho durante o treinamento e os jogos	Em corrida ou em outros jogos aprender a realizar diferentes idéias de jogo através da ação individual; concretizar as tarefas colocadas no treinamento	Troca da alegria ao jogar e da força abundante em desempenho no jogo; jogar e treinar de forma individual de acordo com os comandos do técnico	Aprender a sobrepujar os sentimentos de desconforto e de falta de motivação que elevam a estagnação da performance; o sucesso da equipe é o motivo e o fim principal	Ambicionar um melhor desempenho individual através do incremento dos fatores determinantes da performance – técnica e condicionamento físico; evitar álcool e nicotina	Coordenar profissão / colégio com os interesses esportivos, desenvolver motivos, ambicionar jogar na equipe principal
Dominar afetos e agressões	Aprender que as derrotas fazem parte do jogo e que são reparáveis	Experimentar e aprender a controlar a alegria, raiva ou ódio	Experimentar as dificuldades da competição; aprender também a suportar a dor	Aprender a suportar a rivalidade e as agressões específicas do jogo	Desenvolvimento da estabilidade psíquica; dominar os medos e o nervosismo
Desenvolver um comportamento de camaradagem social e integrativa	Entender que futebol é jogar e treinar em conjunto	Aprender a dividir as tarefas em grupos e partes da equipe; alegria ao vencer	Ter a equipe como grupo que possui os mesmos objetivos, interesses e normas; considerar o adversário como um colega no esporte	Introduzir-se na hierarquia da equipe. Ver a equipe e o técnico como um grupo de performance	Perceber a si mesmo e a equipe como parte de uma instância superior e colocar-se a disposição dela

Aprender a organizar o jogo e o treinamento	Aprender a seguir os comandos de treinamento; realizar as tarefas e auxiliar na organização	Auxiliar na organização do treinamento; divisão de grupos; organizar o material de treinamento	Aprender que a organização e as regras do jogo podem ser adaptadas aos objetivos do treinamento e à estrutura da performance	Auxiliar na organização do treinamento em conjunto; treinar sozinho; controlar individualmente os objetivos do aprendizado / realizar testes	Contribuir de forma ativa em viagens e festas, contribuir no planejamento do treinamento
----------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro elaborado por Bauer (1990) e adaptado por Weineck (2004) em seu livro Futebol Total: O Treinamento Físico no Futebol

Pode-se observar que tais estruturas de treinamento apresentadas se preocupam muito mais com os quesitos físicos, fisiológicos, médicos e, no caso das crianças pequenas pedagógicos. Alguns princípios norteadores como os fatores sociais, educacionais e formadores do ser humano que o esporte pode e deve proporcionar são pouco abordados pela ciência do esporte.

Acredita-se talvez por estar abordando teorias aplicadas em países desenvolvidos como Canadá, Rússia, EUA entre outros, seja função de outras instituições a formação global dessas crianças e adolescentes, que não sejam os clubes desportivos. E é sobre esta óptica que vamos discorrer esta metodologia nos moldes brasileiro.

A próxima etapa deste capítulo tem o objetivo de discutir a formação dos jovens atletas nas categorias de base dos clubes de futebol.

3.4 Discussão sobre a Importância dos Clubes Esportivos na Formação dos Jovens Atletas de Futebol

Até o presente momento este estudo fez um alerta ao sistema de seleção de talentos no futebol, e mostrou através das Ciências do Esporte que existe maneiras científicas para a seleção e formação de jovens atletas no futebol. Considera-se um grande avanço, apenas, se o futebol utilizasse-se desses métodos para a seleção destas crianças e adolescentes.

Porém este estudo tenta a partir de agora dar um passo à frente em relação a este processo, onde faz-se necessário uma formação completa desses atletas, principalmente no Brasil, visto que a grande maioria desses jovens vem das camadas mais baixas da sociedade almejando sonhos em comum: dinheiro, fama, carros luxuosos, entre outros objetos de status. Porém, como nem todos alcançam as expectativas, cabe ao esporte competitivo formar essas crianças e adolescentes para a vida, como um cidadão responsável dos seus direitos e deveres na sociedade, fora do mundo esportivo.

3.4.1. O Sistema Esportivo Brasileiro

O ponto chave deste item do capítulo é fazer uma reflexão sobre o sistema esportivo brasileiro, apresentando como ele se encontra nos moldes atuais.

Tubino (1988), caracterizou o esporte brasileiro como “doente”, devido ao seu conjunto de problemas. Essa caracterização deve-se por apresentar os seguintes problemas:

- *Uma legislação completamente ultrapassada, completamente fora das necessidades da sociedade brasileira;*
- *Grande falta de recursos financeiros, agravada pela falta de uma política que estabelecesse prioridades;*
- *Insuficiência de recursos humanos, proporcionando uma incapacidade de desenvolvimento esportivo;*
- *Uma carência de estudos sobre a realidade brasileira, impossibilitando o estabelecimento de políticas de acordo com as necessidades do país;*
- *A falta de um conceito de esporte para o Brasil. No nosso país o esporte sempre foi entendido como esporte de rendimento, e que convenha-se é uma visão hipotrofiada de esporte, basicamente na perspectiva elitista de talento.*

Nesse contexto, acredita-se necessário uma grande investida no esporte brasileiro, para que esse pudesse contribuir para uma possível melhora da nossa sociedade. Por isso ao aplicarmos metodologias de países desenvolvidos no processo de seleção e formação de talentos faz-se antes necessário à reconstrução do esporte e da visão de esporte no Brasil.

Afinal, segundo dados publicados por Maciel (1988), o esporte como prática educativa, conhecido como educação física, em 1988 não atingia mais que 20% da população escolar, e o que é pior inexistia nas primeiras séries no primeiro grau.

Julga-se que uma das fontes de desenvolvimento de um país, de uma sociedade esta intimamente ligada à educação que este país proporciona a suas crianças, onde o esporte é fonte de educação. Assim se na escola brasileira inexistente a educação por meio do esporte, um clube de futebol consciente deveria proporcionar esse veículo de educação as suas crianças e adolescentes.

Para Tubino (1988), a reconstrução do esporte brasileiro envolve seis aspectos centrais, são eles:

- *Reconstrução do esporte e sua natureza;*
- *Redefinição de papéis dos diversos segmentos e setores da sociedade e do Estado em relação ao esporte;*
- *Das mudanças jurídicos – institucionais;*
- *Carência de recursos humanos, físicos e financeiros comprometidos com o desenvolvimento das atividades esportivas;*
- *Da insuficiência de conhecimentos científicos, aplicados no esporte;*
- *Da modernização dos meios e praticas do esporte.*

Segundo o autor, a reconstrução do esporte brasileiro, vem a exigir uma “nova conceituação” de esporte, que se manifesta sob três formas de direito à prática esportiva:

- *Esporte-Educação;*
- *Esporte-Manifestação;*
- *Esporte-Performance.*

Essa perspectiva de esporte o transforma como fator social, como necessidade e direito de todos os brasileiros, redefinindo o esporte em todos os segmentos, acabando com a visão brasileira de que esporte é competição / alto rendimento e assim o esporte torna-se democrático, ou seja, estará ao alcance de todos.

Deixa-se claro que não está se tirando a obrigação de formação do esporte de rendimento, que também deve instituir seus valores educacionais. Assim complementamos estas palavras com Montagner (1993) que afere o poder educacional ao esporte de alto rendimento:

“O esporte de competição para crianças e jovens deve participar do macro-projeto de educação global, visando o pleno desenvolvimento locomotor, e outras funções vitais (cognitivo e afetivo), significando sobretudo oportunidades para que as pessoas contribuam para o enriquecimento e o desenvolvimento de suas personalidades, ter os sentidos mais amplos da educação.” (p.92)

Recapitulando ao tema central, o quadro a seguir mostra as características centrais de cada uma das formas de esporte:

Esporte-Educação	Esporte-Participação	Esporte-Performance
Direito das crianças e adolescentes	Compreende toda população brasileira	Compreende apenas os atletas
Esporte como instrumento educativo	Esporte como forma de lazer	Esporte como forma de rendimento e alto rendimento
Realizado principalmente na escola	Realizado pelas comunidades	Em alguns casos deve ser realizado pelo Estado, mais na sua maioria pelos clubes desportivos

Tem como finalidade o desenvolvimento integral do homem	Tem como finalidade a participação desportiva em atividades formais ou não formais	Tem como finalidade a busca incessante de resultados e desempenho atlético
Meio de descoberta e desenvolvimento de atletas	Meio de lazer e recuperação da jornada de trabalho	Forma de espetáculo e promoção de talentos

Quadro elaborado de acordo com as características e diretrizes esportivas formuladas por Tubino(1988) em seu livro *Repensando o Esporte Brasileiro*.

Como este estudo desenvolve-se em torno do esporte-performance, trará apenas como discussão as definições e diretrizes desta prática, de acordo com o sistema brasileiro defendido pelo autor citado acima. Acreditando ser este não uma prática isolada, mais sim, interagindo como o esporte-educação e o esporte-participação.

Tubino (1988) define esporte-performance como: “... *manifestação esportiva que envolve atividades predominantemente físicas com caráter competitivo, onde os atletas competem consigo mesmos ou com os outros, sujeitando-se a regras pré-estabelecidas aprovadas pelos organismos internacionais ou nacionais de cada modalidade*”. (p.27)

Em outras palavras, o autor demonstra que o esporte de rendimento deve ser alavancado pelas federações e confederações nacionais e internacionais, visando apenas à performance, e ainda sem qualquer vínculo educativo.

Continuando, em suas diretrizes, Tubino (1988) ramifica o esporte performance em *esporte-rendimento e esporte-alto-rendimento*. O primeiro, mais limitado pelas suas possibilidades técnicas e potencial de espetáculo, e o segundo, praticamente reservado aos talentos esportivos, viabilizando toda uma perspectiva de promoção e de espetáculo. O *esporte-alto-rendimento* busca a seleção, preparação e confirmação dos talentos esportivos através de programas específicos com bases científicas, constituindo-se também num meio de negócio pela iniciativa privada.

É óbvio ser necessário desmistificar esta visão única em nosso país de que esporte é competição e alto rendimento. Essas diretrizes formuladas pelo autor tratado em questão, de um

esporte com várias formas e ao alcance de todos é algo plausível de elogios. Contudo o que deve-se ratificar neste item é a visualização desta forma de esporte desprovida de vínculos educacionais para a formação dos jovens atletas.

Nessa definição de esporte-performance, as propostas apresentadas pela Ciência do Esporte se enquadram perfeitamente a essas diretrizes apresentadas pelo autor acima. O que ira se discutir a seguir visa promover o esporte competição como o poder e o dever de formar não só atletas más também cidadãos.

3.4.2. O Esporte de Alto Rendimento com Perspectivas Educacionais

Este tópico fundamenta-se em cima das possibilidades educativas do esporte de competição, viabilizando-o como um meio educacional, ético e principalmente social.

Silveira (1988, apud Tubino, 1988), traz um pouco dessa perspectiva de esporte ao afirmar que:

"... esporte como elemento de formação, como meio de desenvolvimento integral do indivíduo, como fator de manutenção e prevenção da saúde, como meio de desenvolvimento psicomotor e afirmação da personalidade e cidadania. Enfim como direito de todos." (p.50)

Presencia-se neste momento, à abrangência de uma abordagem do esporte que engloba aspectos biológicos, sociais, educacionais e físicos. Essa seria uma perspectiva de esporte mais coerente e completa do que as apresentadas pela Ciência do Esporte.

Faz-se necessário, mesmo que se tratando de crianças e adolescentes, toda aquela perspectiva de treinamento discutida anteriormente pelos cientistas do esporte, contudo julga-se importante que em nosso país essa abordagem seja mais ampla e que desenvolva todos estes

aspectos relacionados por Silveira (1988), devido à defasagem educacional e motora que esses jovens apresentam; principalmente sabendo que a maior parte desses jovens atletas vem das camadas mais baixas da sociedade.

Seguindo esta linha de esporte competição como fator educacional, Parlebás (1987, apud. Montagner, 1993, p.92) afirma que o esporte é uma pedagogia das condutas ou ações motrizes, em que se coloca no centro de cena o indivíduo em ação, uma pessoa que recebe e armazena informações, que concebe e executa estratégias motrizes.

Percebe-se que o esporte pode tornar-se uma escola de tomada de decisões, e não como ela é abordada atualmente, na qual existe a “robotização” de gestos técnicos, perfeitamente corretos e exaustivamente repetidos.

De acordo com Paes(1987, apud. Montagner, 1993, p.93), o autor jamais negou a importância do esporte de competição, porém faz um questionamento sob as formas as quais se tem trabalhado com as categorias menores, no caso do autor o basquetebol foi o alvo de estudo, especificamente com crianças até 12 anos. O objetivo de Paes visa massificar a prática esportiva e possibilitar uma maior probabilidade na busca de revelações de atletas para a prática do esporte em todas as suas dimensões. Conclui o autor:

“... os treinamentos com crianças e jovens não devem ser confundidos com treinamentos de alto competição, e sim, como um caminho que poderá conduzi-los a ela, evidentemente respeitando todas as fases do desenvolvimento, crescimento e formação do educando.”
(p. 94)

Complementando as palavras de Paes, Montagner(1993) afirma que:

“O respeito às fases de crescimento e desenvolvimento devem ser acompanhadas de uma periodização e planejamento, levando-se em conta as especificidades da faixa etária, da modalidade esportiva a ser praticada, das fases específicas do desenvolvimento da criança ou jovem, e também das condições e particularidades da sua vida cotidiana (família, escola, etc.).” (p. 94)

Para Paes(1992, apud. Montagner, 1993, p. 94), o trabalho esportivo com crianças e jovens deve priorizar uma organização voltada para as necessidades do educando e o respeito às características das faixas etárias.

Novamente, reforça-se a idéia que não esta se negando a importância do resultado no esporte de competição. Contudo, julga-se ser um equívoco reproduzir no esporte para esses jovens atletas a idéia de que se vale apenas o resultado, a vitória e que a competição é um fator inerente ao sucesso.

É evidente que o esporte de competição tenha seus valores educativos, faz-se necessário, portanto, que os clubes de futebol re-avaliem suas estruturas, desde o processo de seleção de talentos (as “peneiras”) até a formação do atleta profissional, que deveria se concretizar entre 18-19 anos de idade, para que sejam transmitidos a esses atletas, além dos fatores físicos, técnicos e táticos, conceitos educacionais, que englobe toda questão social e cultural que o esporte possa proporcionar; e que no caso das crianças das categorias menores, a repetição e automatização de gestos técnicos, transforme-se numa aprendizagem motora.

Conclui-se este item do capítulo com uma citação de Montagner(1993), que traduz o aspecto educacional do esporte competitivo:

“A iniciação esportiva e a competição especializada, ao nível formal, devem, sobretudo valorizar o momento educativo, um processo baseado no desenvolvimento compatível

com o ser humano em questão. Enfim, a visão do fenômeno de esporte de competição transforma-se efetivamente em um veículo e objeto de educação.” (p. 94)

Pode parecer até sonho, mas acredita-se que num futuro, não muito distante, estes aspectos possam se tornar relevantes dentro dos clubes de bases do futebol.

3.4.3. Futebol, Educação e Pedagogia

Antes de começar a discutir o tema em questão, faz-se necessário “enraizar” o tema proposto em uma crítica fundamentada por Moreira; Pellegrinotti; Hebling (1992) ao futebol moderno que tem os seguintes pressupostos teóricos:

- *Transforma o homem atleta em máquina;*
- *Para os praticantes não profissionais serve de compensação as frustrações e a insuficiência motora no trabalho industrial;*
- *Favorece a adaptação do homem ao tecnicismo e ao burocratismo nas formas sociais onde impera a ausência de liberdade;*
- *Amplia o espírito de eficiência técnica de funcionamento à instrumentação do movimento do corpo;*
- *Manipula o atleta e brutaliza o indivíduo;*
- *Reprime o movimento natural e institucionaliza a artificialidade;*
- *Gera, pela ação da imprensa, a massificação e o totalitarismo cultural;*
- *Finalmente, através das características de treinamento obrigatório e busca do rendimento, propicia a ausência de ludicidade e prazer.*

Em relação ao futebol de rendimento as críticas são ainda mais contundentes:

- *É um campo de conflitos entre objetivos, princípios, formas e soluções;*

- *Não comporta, em si mesmo, a responsabilidade que deveria ter face ao atleta, e, por não conseguir desenvolver uma ética própria, torna-se cada vez maior o conflito entre a produção de rendimento e a responsabilidade humana;*
- *O atleta de rendimento é respeitado apenas enquanto produz resultados, sendo depois descartado;*

Essa crítica direcionada especificamente ao futebol de rendimento enquadra-se perfeitamente nos moldes os quais são realizadas as “peneiras”, e também nas categorias de base dos clubes de futebol, em que apenas objetivam-se o rendimento, sem qualquer preocupação humana com os atletas e altamente excludente.

Em alusão a todas as críticas relacionadas acima, Montagner (1993) completa:

“Os leigos, a grande massa, passam a desempenhar apenas o papel passivo, deixando a prática cada vez mais aos profissionais e aos envolvidos com o esporte espetáculo. Consolida-se assim, como uma prática de elite, com as indústrias de espetáculo esportivo dedicando ao grande público apenas a participação imaginária.” (p. 70)

Para Moreira; Pellegrinotti; Hebling (1992), deve-se trabalhar no futebol valores que facilitem o aparecimento de uma nova pedagogia do corpo. Só assim compreende-se que aqueles praticantes não são componentes de um povo ignorante que precisa se ilustrar ou que suas reações corporais têm de ser modeladas segundo a ótica de seus dominantes.

Esse aspecto levantado pelos autores, leva a possibilidade de todos com o processo esportivo serem sujeitos providos de ação e não simplesmente pessoas passivas de um sistema elitista.

Após fazer essa breve conceituação do futebol moderno, Soares (1987, apud. Montagner, 1993, p. 71), discute as dimensões do esporte, demonstrando preocupação pelo mesmo ter se tornado um fenômeno social. O autor afirma ser um erro pensá-lo numa visão acrítica e puramente simplista. Ele focaliza o problema no esporte, não na crítica ao objeto, mas nas relações interpessoais que condicionam as atitudes do indivíduo em face ao objeto.

Montagner (1993) faz uma completa dizendo:

"Sua concepção a despeito da vinculação do esporte com as estruturas dominantes, mostra a visão e as possibilidades do esporte constituir-se em condutor de ideologias e contra-ideologias. Sua prática pode mascarar, como também desmascarar, a realidade, ocorrendo assim um processo dialético." (p. 72)

Por fim, conclui o autor:

"Dizer simplesmente que o esporte serve à ideologia dominante, torna-se questionável. Embora admita-se o fato de isto ser possível, o esporte suplanta esses interesses, possui seu próprio mundo, qualidades, influência cultural, educacional e política, entre outros. Ocupa lugar privilegiado na sociedade e, há muito a civilização atribui virtudes a esse fenômeno." (p.72)

Conforme as citações acima, pode-se acreditar que a divisão do esporte em *esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance* seria a maneira mais concreta de se acabar com todas essas perspectivas acima.

Sob essa questão Moreira; Pellegrinotti; Hebling (1992) descreve que as competições esportivas no futebol, não são sob forma alguma educativas e nem garantem o futuro dos mais

dotados tecnicamente. Conclui-se que o esporte é muito mais que preocupações técnicas-reprodutivistas, evolução biomecânica ou simplesmente motora.

Como explicar que, com o avanço das Ciências do Esporte, o aumento no número de praticantes, com a qualidade e quantidade de jovens atletas, não se produza tantos craques como antigamente?

As palavras de Freire (1998) explicam este fato:

“Ensinar é trabalho pesado, é ciência e arte; é uma das mais difíceis e estafantes tarefas humanas, não importa se o tema é matemática ou futebol. Conseguir ensinar futebol no Brasil é, no mínimo, aproximar-se do nível de competência pedagógica da rua. Tarefa que exige, entre outras coisas, trazer a cultura futebolística do brasileiro para dentro da escola. Como a escola não é a rua, é claro que isso só pode ser feito com diversas adaptações. Por um lado, se perderá o ambiente natural de aprendizagem das brincadeiras de rua; por outro lado, isso poderá ser compensado com a inclusão de bons profissionais, que sejam formados para, efetivamente, ensinar futebol.” (p. XV)

Pode-se dizer que a pedagogia de rua não foi colocada dentro das escolas, muito menos, introduzida nos clubes formadores de atletas. A escola é pura e simplesmente um reprodutor do esporte de rendimento, e os clubes de futebol não possuem um esquema pedagógico para o desenvolvimento motor das crianças. Com isso os craques do passado como Pelé, Garrincha, Leônidas, entre tantos outros, foram substituídos aos poucos por jogadores fisicamente, tecnicamente e taticamente construídos, o que alguns autores nomeiam de futebol moderno.

Dentro desse contexto Freire (1998) elege quatro princípios norteadores para a pedagogia do futebol, são eles:

- *Ensinar futebol a todos*: é prática comum querer ensinar futebol somente aqueles que já possuem uma certa habilidade ou projeção genética. Porém acredita-se que qualquer pessoa possa aprender a jogar futebol. Onde aqueles que já sabem jogar futebol aprendam a jogar melhor e aqueles que sabem pouco ou nada devem receber atenção até aprenderem o suficiente;
- *Ensinar futebol bem a todos*: não basta ensinar é preciso ensinar bem. Todos podem aprender a jogar futebol de boa qualidade, alguns em pouco tempo, outros com um tempo mais prolongado;
- *Ensinar a gostar do esporte*: práticas desagradáveis só são incorporadas quando são indispensáveis para a vida. É o que acontece quando treinamos as crianças e adolescentes exaustivamente, por acreditar que assim se tornarão futuros craques. Agora se ensinarmos com brincadeiras, diversão, carinho, atenção, liberdade, isso ficará para sempre sem a necessidade de um futuro glorioso;
- *Ensinar mais que futebol a todos*: aprender futebol pode desenvolver um acervo de habilidades bastante diversificados, podendo ser aproveitados em outros esportes. Além disso, pode aprender a conviver em grupos, construir regras, a discutir e até discordar dessas regras, elevando-se o desenvolvimento moral e social dessas crianças.

Além desses princípios pedagógicos em torno do futebol, Soares (1987, apud. Montagner 1993, p. 74) acredita que o esporte de alto nível pode ser utilizado pela educação física como um referencial de crítica às relações desumanas, que são exercidas em sua prática e priorizar em seu desenvolvimento a autonomia do aluno, integração e mobilização social.

O esporte de acordo com Montagner (1993) age também como formador de opiniões e reestruturador de costume e valores. O autor ainda faz uma ressalva importante ao afirmar que o esporte não é sinônimo de educação física, mas sim conteúdo da mesma.

Verenguer (1986, apud. Montagner, 1993, p. 76), caracteriza a prática esportiva pela repetição e reprodução dos modelos executados empiricamente e, a passagem do esporte associado pura e simplesmente ao rendimento e ao esforço, mostra a necessidade de trabalhar o fenômeno esportivo de forma global, cuidar da formação de recursos humanos, nos seus aspectos sócios culturais, onde reside o processo educacional.

Tratando especificamente do futebol, Moreira; Pellegrinotti; Hebling (1992) afirmam que:

“... o futebol deve recuperar a dignidade do homem atleta e ela tem que ser colocada à frente dos rendimentos. Tem se que questionar como o esporte pode contribuir para a auto-realização do homem e para um mundo em que se privilegie a dignidade humana. No centro das preocupações do esporte deve estar o homem sujeito, autor e ator da prática esportiva.” (p. 21)

Até o presente momento, não se nega o trabalho realizado pela Ciência do Esporte, a respeito da metodologia aplicada sobre o treinamento para crianças e adolescentes; é até necessário dentro do esporte de competição, o aperfeiçoamento de todas as variantes técnico, táticas e físicas. O que se tenta trazer neste momento é a incorporação dos valores sociais e éticos do esporte, além de uma maior ênfase da pedagogia do esporte do futebol, para que ao se formar atletas formem-se também cidadãos.

3.4.4. Futebol e Sociedade

Independente do esporte seja ele, basquetebol, voleibol, tênis ou futebol, a quantidade de tempo e afeto que grande parte da população dedica ao esporte já é por si só uma amostra da sua popularidade na sociedade moderna. É só olhar os jornais diários seja no Brasil ou no mundo, para notarmos que a seção mais lida nos grandes jornais é a seção de esportes.

Segundo Helal (1990) o esporte é uma das instituições sociais mais sólidas do mundo moderno. O autor afirma que a “Federation International Football Association”, mais conhecida como FIFA, reúne um número maior de nações afiliadas do que a própria Organização das Nações Unidas, a ONU. O Esporte hoje desponta como meta importante do governo, e não raras vezes, as vitórias ou derrotas no esporte servem como comparação entre o sucesso e o fracasso dos sistemas econômicos e sociais dentre os países do mundo todo.

Nessa pequena introdução, já se percebe o motivo talvez, pelo qual, as escolas, clubes desportivos e outras associações ligadas à prática esportiva almejem tanto o esporte de competição, abdicando do seu valor e prática educacional.

Daolio (2003), afirma que o futebol é o esporte mais popular no Brasil. Da mesma forma que se aprende a ler e escrever aprende-se também a gostar de futebol. O autor reconhece essa paixão ao dizer que uma criança ao nascer – homem de preferência – ele recebe um nome, uma religião e um time de futebol. Clube esse que ele vai aprender a gostar, compartilhar alegrias e tristezas, e jamais pensá-lo em substituí-lo.

DaMatta (1982, apud. Daolio, 2003, p. 158), explica a popularidade do futebol no Brasil porque ele permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos.

Nessa perspectiva Daolio (2003), reconhece quatro aspectos do futebol que se relacionam com as características do povo brasileiro:

- *A busca da igualdade existente no futebol:* o campo de jogo é dividido em duas metades iguais, sendo que cada equipe joga um tempo em cada metade, à equipe que começa o jogo é escolhida por sorteio. O time que sofre um gol reinicia a partida. Quando se comete falta o time que a cometeu é punido com um tiro livre. Quando a bola sai do campo delimitado ela é repostada pela equipe contrária que tenha tocado nela pela última vez. Essa igualdade que a princípio deve existir no futebol, não acontece na grande maioria da vida cotidiana das pessoas.
- *O futebol é um esporte basicamente jogado com os pés:* a exceção é o goleiro que pode utilizar as mãos. Assim considera-se o futebol revolucionário por ser jogado com a parte inferior do corpo. Essa habilidade com os pés é característica de uma sociedade, passível de transmissão para seus descendentes. Talvez este fato explique o fato dos meninos no Brasil ao nascer saber jogar futebol.
- *A necessidade e a importância em uma partida do drible:* é por meio do drible que se burla a defesa do adversário e parte-se para o objetivo máximo do jogo, o gol. Como num drible no futebol, o malandro é aquele que tem que dar um jeito para conseguir dinheiro, para conseguir alguma vantagem.
- *Permissão para a livre expressão individual:* apesar do futebol ser um jogo coletivo, este permite e incentiva as jogadas individuais. Isso transcreve-se na vida cotidiana, onde todos devem cumprir regras sociais, mas percebe-se como um indivíduo é único, diferente de todos os outros. Este exercício é perfeitamente possível no futebol.

Acredita-se que estes fatores fazem do futebol um modelo da sociedade brasileira e, onde as pessoas podem se expressar.

Daolio (2003), traz uma explicação contundente de como o futebol é um modelo para sociedade brasileira:

“... o futebol brasileiro não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas, não é apenas manifestação lúdica do homem brasileiro, nem tampouco o ópio do povo... Mais que tudo isso, o futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras.” (p.211)

Com todas as contradições possíveis, pode-se observar que, o futebol não é bom nem mau, certo ou errado, nem mesmo generoso muito menos uma forma de ópio. Afirma-se que o futebol apenas retrata a própria sociedade brasileira.

Dentro dessa reflexão do futebol na sociedade, e disseminação e popularização do futebol na grande massa brasileira, tornamos o único país a participar de todas as copas do mundo, a única nação detentora de cinco títulos mundiais e hoje o principal exportador de jogadores do mundo, atletas que fazem fama em vários países. Temos o maior estádio de futebol do mundo.

Assim crianças e adolescentes criam seus ídolos, mitos e heróis, vêm nos grandes estádios templos sagrados onde sonham em um dia pisar; almejam fortunas e jogar futebol na Europa. E dentro dessas perspectivas essas crianças e adolescentes passam a idealizar-se jogadores de futebol.

Contudo Daolio (2003), traz informações tristes a respeito da falta de estrutura do futebol profissional, entre elas destacam-se:

- *O salário médio dos jogadores de futebol é baixo, contrastando as vultuosas somas de jogadores de grandes equipes com os salários ridículos de profissionais espalhados pelo país;*
- *Campeonatos extremamente desorganizados;*
- *A grande maioria das equipes brasileiras esta endividada e com isso, muitas vezes não pagam salários aos jogadores;*
- *Muitas equipes não conseguem manter seu quadro de profissionais durante o ano, demitindo todos os jogadores no fim do campeonato;*
- *Evasão de rendas;*
- *Falta de ética esportiva através de subornos e fabricação de resultados;*
- *Necessidade de cientificidade no aperfeiçoamento do futebol.*

Por outro lado Daolio (2003), conclui que a principal característica do futebol brasileiro é a rica mistura entre o jogo coletivo e o individualismo de nossos atletas. Afinal, se todos jogassem rigidamente dentro dos padrões os jogos acabariam empatados. Assim as jogadas individuais se tornam necessárias e podem resultar no sucesso ou no fracasso de uma equipe.

Segundo o autor, essa anarquia entre o coletivo e o individual, deve-se a forma de como o homem brasileiro se dispõe no mundo, conciliando e tirando vantagem, para sobreviver a uma adversidade, ou seja, marcar seus gols.

Toda esta estrutura, afirma Daolio (2003), acabou por dar a característica do futebol brasileiro: ousado, individualista, pouco afeito a táticas coletivas e fascinante com jogadas e jogadores fora do comum.

E são essas jogadas e jogadoras fora do comum, que segundo o autor, cria ídolos. Afinal um esporte com essa popularidade, ocupando grande espaço na mídia, gerando cotidianamente novos heróis, que serão imitados pelas crianças e servirão de modelo para a população.

E esses heróis que servem de modelo e que serão imitados por crianças e adolescentes, que sonham um dia com um mundo melhor, devido a sua humildade financeira, e sabendo que estes ídolos partiram da mesma humildade delas, que estes jovens sairão em busca das “peneiras” e dos clubes de futebol em perseguição e essa realização pessoal e profissional. E irão encontrar pelo caminho clubes de futebol despreparados para lidar com essa situação, é onde este estudo chega em um ponto problemático e culminante.

3.4.5. A Dupla Experiência do Fracasso

Depois de discutir e refletir sobre as “peneiras” de futebol, os métodos de seleção de talentos, a estrutura de treinamento para crianças e adolescentes e sobre a formação de jovens atletas de acordo com o sistema brasileiro e nas perspectivas educacional e social, chega-se a mais um ponto importante: o que acontece com essas crianças e adolescentes, na sua grande maioria das camadas mais baixas da sociedade, que sonham em ser jogadores de futebol e, assim, passam anos nas categorias de base dos clubes de futebol e depois simplesmente descobrem que não estão aptos a realizar seus sonhos?

Dentro deste contexto, Pimentel (1997) realizou uma pesquisa com o objetivo de esclarecer a relação sonho x realidade, ou seja, por se constituir num fenômeno cultural imensurável, o futebol, cria diariamente relações comerciais e mercadológicas. Isto faz, que atletas de destaque ganhem notoriedade, respeito e importância junto dos meios formadores de opinião pública e produtora de bens de consumo. Assim, ao se tornar “craque”, acabam por receber altos salários,

tornando-se pessoas de um grande poder aquisitivo. Nesse momento a indústria do consumo irá transformá-los em ídolos nacionais e internacionais.

E é dentro deste contexto que estas crianças e adolescentes partem rumo ao sonho de se tornar um jogador de futebol renomado mundialmente, e assim atingir, até então, denominada por Pimentel (1997), a praticamente impossível *ascensão social*.

Veja a conceituação do autor sobre o tema:

“... ao vermos tantos bons jogadores sendo comercializados por tanto dinheiro, e suas imagens sendo verdadeiras fomentadoras dos hábitos e costumes perante a sociedade, é impossível não pensar esta mesma sociedade como uma amostra convicta que o futebol é, no Brasil, um meio propício e rápido de se atingir a tão difícil, ou impossível na maioria das vezes, ascensão social.” (p. 23)

Assim essas crianças e adolescentes que sofre as conseqüências da má distribuição de renda, desigualdades sociais, desemprego, da falta de educação de qualidade entre outros fatores, cria o sonho advindo dos grandes vencedores do futebol, ou seja-se, nos seus ídolos, e que na maioria das vezes estavam nas mesmas condições desses jovens atletas que partem, em grande número, aos clubes de futebol, na tentativa de concretizar seu sonho: a tão almejada *ascensão social*.

Aqueles que por diversos motivos não vão encontrar espaço em nenhum clube ou irão passar por estes e não se profissionalizar, Pimentel (1997) define estes com a *ascensão social simbólica indireta*. Ou seja, vão depender exclusivamente do rendimento de seus “times do coração”, que semanalmente disputam partidas por diversos campeonatos.

Assim, de acordo com autor, no momento da vitória, todos são elevados a um estado ascendente, de modo que são esquecidos todos os desgostos e dificuldades do cotidiano; neste

momento o “cidadão torcedor” torna-se superior, altivo, capaz e realizado. Neste aspecto nota-se a importância de um título de Copa do Mundo para uma nação; a conquista de uma Copa Libertadores da América ou de um Campeonato Brasileiro por parte dos torcedores de um clube de futebol.

Pimentel (1997), discorre também sobre o processo inverso. Quando o resultado é desfavorável, os sintomas sobre a população são imediatos. À volta a realidade sombria e a decepção de uma expectativa frustrada, é imediata. Assim, notamos esses aspectos, quando o Brasil é eliminado de um campeonato mundial ou quando nosso “clube do coração” perde um título ou é rebaixado de divisão em um torneio.

Voltando especificamente, aquelas crianças e adolescentes, que irão adentrar dentro dos clubes nas categorias de base, almejando não só se tornar um jogador de futebol, mas sim um “craque” um “ídolo”.

Como já discutido neste estudo, sabe-se que menos de 5% dos atletas profissionais ganham mais de 20 salários mínimos. Dados ainda mais alarmantes lembram que metade dos jogadores profissionais recebem um salário mínimo por mês, de acordo com a CBF.

É talvez aí que resida o ponto chave do estudo de Pimentel (1997). O autor recorre ao processo seletivo que ocorre dentro do futebol, faz com que, na medida que este processo se afunila, a maioria dos atletas que ficam anos seguidos nas categorias de base dos clubes de futebol, será alijada de continuar neste segmento profissional.

Assim o autor explica porque a ascensão social rápida através do futebol é enganosa. Pois poucos se atentam aos seguidos anos de treinamento quais são submetidos.

Dentro dessas perspectivas, Pimentel (1997) conclui: *“aos que forem alijados, a 1º experiência do fracasso”*.

Entretanto a pesquisa não para por aí, tem-se mais um agravante. Segundo o autor, tendo se submetido exclusivamente durante seguidos anos ao treinamento de futebol, os jovens irão se deparar com um mercado de trabalho tão ou mais competitivo que o futebol. Como a cultura esportiva em nosso país não fornece iniciativa que visa um amparo formativo através do esporte, ou seja, os clubes de futebol ainda não são encarados como possibilidades de atuar como agentes informais de educação, assim essas crianças e adolescentes irão ficar amorfas no mercado de trabalho e na maioria das vezes até da sociedade; sem perspectivas e sem subsídios para exercer com um mínimo de dignidade sua cidadania. Neste momento o autor constata a *dupla experiência do fracasso*.

De acordo com o autor, mesmo aqueles atletas que adentram no mercado profissional do futebol, muitas vezes, são obrigados a abandonar a profissão ou buscar alternativas no mercado informal de trabalho como meio de assegurar o orçamento mínimo mensal, que garanta sua sobrevivência e de seus familiares.

O autor conclui ao dizer que tanto para aqueles atletas – os que não vão ser aprovados no processo seletivo – quanto para estes – que serão aprovados, mas que constitui a base da pirâmide correspondente ao salário mínimo recebido – esta presente o drama da dupla experiência do fracasso.

É por todos esses motivos apresentados ao longo do estudo, que este preocupa-se com a formação desses futuros atletas e com o esporte enquanto agente educacional. Acredita-se que o esporte competição possa agir conjuntamente com a educação, atuando no processo formativo. Para que essas crianças e adolescentes que não chegarem ao alto rendimento, possam enfim desenvolver de maneira honrosa seu papel na sociedade.

Assim ao criticar a estrutura da Ciência do Esporte, ao dizer que esta não se encaixa na estrutura organizacional do nosso país, não se quer contrariar ou dizer errônea a metodologia

aplicada ao redor da preparação física, técnica, tática dessas crianças e adolescentes, mais sim acreditar que é necessário todo um processo formativo a esses jovens, visto que, estes procuram o futebol como um “trampolim”, para talvez, o único modo de ascender socialmente na vida. Todavia, uma pequena minoria transformará essa possibilidade em realidade, enquanto que, a maioria esmagadora terá de encarar a dupla experiência do fracasso. Assim deve-se acreditar que os clubes de base do futebol, bem como os técnicos e profissionais envolvidos devem-se atentar a mudanças nos aspectos formativos destes futuros atletas.

As palavras de Montagner(1993), que tem como objetivo resumir em poucas linhas este capítulo e principalmente servir de reflexão sobre o esporte de alto rendimento. Diz o autor:

“Não se esta também garantido sucesso na vida dos participantes de grupos vinculados ao esporte de competição. A única certeza é a de, ao priorizar a educação no esporte competitivo, concebê-lo como um trabalho preocupado com o avanço social.” (p. 55)

As palavras do autor servem como forma de reflexão, no que acredita-se ser um ideal para um esporte de competição que não abranja somente os resultados, mais algo que se preocupe com todos esses jovens que procuram no futebol uma forma de se viver dignamente; e caso o esporte não possa vir a proporcionar dentro do futebol esse sonho que ao menos utilize-se de todas as ferramentas possíveis para formar homens capazes de viver e ascender na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar deste estudo, sua orientação procurou manifestar a preocupação de abordar o tema em questão com muita objetividade, que apresente a seleção de talentos, não só através de quesitos físicos, técnicos e táticos, mas também em suas possibilidades educacionais e formativas.

Em nenhum momento pretende-se aqui, manifestar relações conclusivas, pelo contrário, o ideário foi exatamente à ponderação e a partir daí, o aparecimento de reflexões e discussões que abram ideais para futuros estudos de um tema tão pouco explorado.

Nota-se em primeira instância, que o futebol, surgiu de interesses e práticas elitistas, e com o surgimento do campo industrial começa a se difundir perante a massa populacional brasileira, onde negros, pobres e operários passam a exercer a prática sistematizada do futebol. Foi assim que começou a transição social do futebol.

Com o advento do profissionalismo, há um aumento expressivo, das pessoas das camadas inferiores da sociedade que buscam o futebol como meio de vida e ascensão social.

Nos dias atuais, sabe-se que para ser jogador de futebol é necessário passar por um processo de seleção, as “peneiras”, e depois passar anos treinando exaustivamente nas categorias de base dos clubes até atingirem o profissionalismo.

Para isso é necessário que uma criança ou adolescente comece sua prática muito cedo, por volta de 8-12 anos.

No desenrolar deste contexto é que este estudo procurou discutir sobre o método de seleção aplicado no futebol, as “peneiras”, e a conseqüente formação desses jovens atletas que almejam no futebol uma forma de ascensão social.

Assim em relação à “peneira”, acredita-se que ela é uma forma empírica e assistemática de seleção, não avaliando fatores físicos, técnicos, táticos, psicossociais e pedagógicos, de modo científico, para que realmente sejam selecionados os melhores atletas.

Este processo de seleção retém, apenas, as melhores crianças e adolescentes momentaneamente. Isto pode significar que jovens atletas com potencial possam estar sendo desperdiçados por esta prática.

Confere-se que uma avaliação minimamente suficiente teria como processo a divisão das crianças e adolescentes por idade biológica e realizaria-se uma análise criteriosa e científica das principais capacidades físicas do futebol (resistência aeróbia, resistência anaeróbia, força, velocidade e mobilidade), táticas e técnicas que o esporte exige. Além de todos estes fatores julga-se necessário à realização por uma equipe especializada na avaliação pedagógica e psicossocial dos futuros atletas.

Dentro destes aspectos discutiu-se a forma de realização das “peneiras” de futebol, acreditando ser essa uma prática muito mais complexa e abrangente do que a atual. Assim o processo de seleção deve ser realizado em longo prazo, de forma científica e metodológica.

De acordo com essa proposta, este estudo trouxe a metodologia aplicada pelas ciências do esporte, tanto a uma discussão de uma teoria geral, quanto a uma específica ao futebol.

A realização de um treinamento em longo prazo requer um grande período de preparação desses jovens atletas até a especialização esportiva, por volta dos 18-19 anos de idade. Com isso essas crianças e adolescentes passam de 8-10 anos se preparando físico, tática e tecnicamente.

Contudo acredita-se que somente o treinamento em longo prazo é insuficiente para estes jovens. Afinal este modelo tem origem em países desenvolvidos como Rússia, Canadá, EUA, Alemanha entre outros, e não leva em consideração a situação sócio-econômica e educacional desses futuros atletas.

Considerando que o esporte como prática educativa, segundo Maciel (1988), não atinge mais que 20% das crianças em idade escolar e que inexistem nas primeiras séries do primeiro grau, e, que a maioria esmagadora desses jovens procuram o futebol como meio de ascensão social; torna-se a priori fazer do esporte de competição e dos clubes formadores de jovens atletas um meio educacional.

Portanto, apesar de o esporte competitivo ainda não poder ser sinônimo de educação, acredita-se que um dia poderá se unir à prática de um pelo outro.

Acredita-se que exista hoje por trás das “peneiras” e dos clubes de futebol, uma prática deliberada de gestos técnicos e exaustivas repetições mecânicas em busca da perfeição do movimento, e não se engloba os valores culturais, educacionais e sócio-econômicos que existe por trás do esporte, principalmente quando se trata do futebol. Seja talvez, por isso que tenha-se cada vez mais um número maior de praticantes, entretanto, um número menor de bons jogadores surgindo no mercado profissional.

Assim necessita-se que o esporte de rendimento deva ser utilizado pela Educação Física, e englobe temas e críticas sobre as relações desumanas que são exercidas em sua prática, discuta-se a integração e a mobilização social e seja formadora de opiniões, costumes e valores. Segundo discutido sob a ótica de vários autores estas deveriam-se ser as diretrizes do esporte educativo como agente educacional e pedagógico.

Neste sentido o esporte tornar-se-ia conteúdo da Educação Física.

Outro aspecto importante deste estudo que foi discutido sob o espectro de alguns autores, traz o futebol como retrato da sociedade brasileira. Ele representa a cultura do povo brasileiro, seus gestos, sua prática emitem valores expressos em nossa sociedade. Valores estes que criam ídolos e fazem dos estádios templos sagrados onde todas as crianças e adolescentes sonham em pisar um dia e, adquirir fama e jogar na Europa.

Todavia, como foi discutido em nosso estudo, o futebol passa por uma série de problemas e falta de estrutura. Jogadores na sua maioria recebem baixos salários, contrastando com as virtuosas somas pagas aos jogadores dos grandes clubes brasileiros, campeonatos desorganizados, clubes endividados e a falta de ética profissional.

Julga-se que esses inúmeros fatores co-relacionados levam estes jovens a vivenciarem a dupla experiência do fracasso.

E para que isso não ocorra acredita-se necessário um esporte educacional e formativo, priorizando a educação global desses jovens, sem contestar os aspectos relativos à performance, e também, o esporte competitivo atuando em conjuntura com outras fontes de agências educacionais.

BIBLIOGRAFIA

- BENTO, J. O. **Desafios do Desporto de Rendimento à Pedagogia**. In: MARTINS, Francisco S. (Org.). **Treinamento Desportivo: Aplicações e Implicações**. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2002.
- BETTI, M. **Cultura Corporal e Cultura Esportiva**. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, SP: v. 07, nº 2, 1993.
- BOMPA, T. O. **Periodização: Teoria e Metodologia do Treinamento**. Tradução Sérgio Ferreira Batista. São Paulo, SP: Phorte, 2002.
- BRUNORO, J. C.. **Futebol 100% Profissional**. São Paulo, S.P.: Gente, 1997
- Capinussú, J. M.. **Comunicação e Transgressão no Esporte**. São Paulo, S.P.: Ibrasa, 1997
- CASTRO, J. A.. **Histórias da Bola: 135 Anos da História do Futebol**. São Paulo, S.P.: Edidrome, 1998
- DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e Futebol**. 2ª edição, Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- FRANQUIA Com a Cara do Timão. *Gazeta Esportiva* série de reportagens. São Paulo, S.P.: 2004
Disponível em: <<http://www.gazetaesportiva.com.br>>. Acesso em: 31 de agosto de 2004, 10:30:30.
- FREIRE, J. B. **Princípios Básicos do Ato de Aprender e Ensinar**. Disponível em:
<<http://www.decorpointeiro.com.br>>. Acesso em: 31 de agosto de 2004, 10:05:15.
- _____. **Pedagogia do Futebol**. Rio de Janeiro, RJ: Ney Pereira, 1998.
- GAYA, A.; TORRES, L.; BALBINOTTI, C. **Iniciação Esportiva e a Educação Física Escolar**. In: MARTINS, Francisco S. (Org.). **Treinamento Desportivo: Aplicações e**

- Implicações. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2002.
- GOMES, A. C. **Treinamento Desportivo: Estruturação e Periodização**. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2002.
- HELAL, R. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1990
- _____. **Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil**. Prefácio de Zico. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.
- KUNZ, E. **Transformação Didático Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unin, 1994
- MAKARENKO, L. P. **Natação: Seleção de Talentos e Iniciação Desportiva**. Tradução Edson de Godói. Porto Alegre, RS: Editora Palomares, 2001.
- MARQUES, A. T. **O Recrutamento de Talentos para Prática Desportiva**. In: MARTINS, Francisco S. (Org.). **Treinamento Desportivo: Aplicações e Implicações**. João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2002.
- MONTAGNER, P. C. **Esporte de Competição X Educação? O Caso do Basquetebol**. Piracicaba, SP: 1993, Tese de Mestrado.
- MONTAGNER, P. C.; SILVA, C. C. O. **Reflexões Acerca do Treinamento a Longo Prazo e a Seleção de Talentos Através de Peneiras no Futebol**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, SP: Volume 24, nº 2, p. 187-200, janeiro de 2003.
- MOREIRA, W.; PELLEGRINOTTI, I.; HEBLING J. C. **Futebol Evolução**. 1ª Edição Piracicaba, SP: [s.n.], 1992.
- NETO, V. M. **A Especialização Precoce em Escolinhas de Futebol**. Campinas, SP: Unicamp, 1996, Monografia.
- PAES, R. R. **Aprendizagem e Competição Precoce: O Caso do Basquetebol**. Campinas, S.P.: Unicamp, 1992, Tese de Mestrado.
- PICCOLO, V. L. N. (Org.). **Pedagogia dos Esportes**. [s.e.]. Campinas. SP: Editora Papirus,

1999.

PIMENTEL, C. A. **Ascensão Social ou Dupla Experiência do Fracasso: Uma Proposta Humanista das Categorias de Base a Alta Performance do Futebol.** Campinas, SP: Unicamp, Novembro de 1997, Monografia.

SCAGLIA, A. J. **O Futebol que se Aprende e o Futebol que se Ensina.** Campinas, SP: Unicamp, 1999, Tese de Mestrado.

SILVA, C. C. **Seleção de Talentos no Esporte: Estudo de Caso do Futebol em Alguns Clubes na Cidade de Campinas.** Campinas, SP: Unicamp, 1999, Monografia.

STEFANELLO, J. M. F. **Psicologia do Desporto: Aplicações e Contribuições para o Treinamento Desportivo para Crianças e Jovens.** In: MARTINS, Francisco S. **Treinamento Desportivo: Aplicações e Implicações.** João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2002.

TANI, G. **Iniciação Esportiva e Influências do Esporte Moderno.** In: MARTINS, Francisco S. **Treinamento Desportivo: Aplicações e Implicações.** João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2002.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões Sociais do Esporte.** São Paulo, SP: Volume 44 Editora Cortês, 1992.

_____ (Org.). **Repensando o Esporte Brasileiro.** São Paulo, SP: Ibrasa, 1998.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal.** Tradução Beatriz Maria Romano Carvalho. 9ª Edição, 1ª Edição Brasileira, Barueri, SP: Editora Manole, 2003.

_____. **Futebol Total: O Treinamento Físico no Futebol.** Tradução Sérgio Roberto Ferreira Batista. 1ª Edição Brasileira. Guarulhos, SP: Editora Phorte, 2004.

WITTER, J. S. **O que é Futebol.** 1ª Edição. [S.I.]: Editora Brasiliense, 1990.